

# Estudos em Hermenêutica Bíblica

## Ou, Leis Básicas de Interpretação da Bíblia

### Introdução

**Pr. Davis W. Huckabee**

Define-se **hermenêutica** como “a ciência da interpretação; principalmente, o ramo da teologia que trata dos princípios da exegese”, Novo Dicionário Mundial Webster<sup>[1]</sup>. Ter o método correto de interpretação da Palavra de Deus significa a diferença entre sua correta compreensão, e heresias nas crenças e comportamento. Em assuntos espirituais, é de grande importância que tenhamos princípios sólidos de interpretação da Bíblia, ou então nos desencaminharemos mediante uma compreensão pervertida da Revelação de Deus à humanidade. Toda heresia que já causou destruição na raça humana ocorreu porque alguém interpretou a Palavra de Deus de modo errado em algum ponto, ou então, como é menos comum, agiu em consciente oposição à Verdade.

Vê-se a importância da correta interpretação da Bíblia na exortação de 2 Timóteo 2.15: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, *como* obreiro que não tem *de que* se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade.” “Procura” no português moderno é mais restrito do que o significado antigo em português e a palavra grega (**spoudazo**), que das onze vezes em que aparece é traduzida “com diligência; esforçar-se, procurar”. Essa palavra, embora inclua o processo mental de estudar (no sentido moderno), inclui muito mais. Não só isso, mas o grego para “maneja bem” (**orthotomos**) era usado na antiga Grécia para fazer uma linha reta ou arar um sulco reto de arado.

“Theodoret explica que essa palavra significa arar um sulco reto de arado. Parry argumenta que a metáfora é o pedreiro cortando pedras retas, já que assim são usadas as palavras **temno** e **orthos**. Considerando que Paulo era um fazedor de tendas e sabia como cortar reto o áspero material de pelo de camelo, por que não deixar que isso seja a metáfora? Certamente, já há muita exegese torta o suficiente (estilos de patchwork<sup>[2]</sup>) para que se invoque a necessidade de um corte cuidadoso para ajustá-la”. — *A. T. Robertson, Word Pictures In The New Testament* (Ilustrações da Palavra no Novo Testamento), Vol. IV, pp. 619-620.

É uma verdade trágica — tão conhecida que é inegável — que boa parte das interpretações forçadas das Escrituras é um tipo de patchwork, e muitas pessoas são culpadas de interpretar as Escrituras numa linha zig-zague a fim de harmonizá-las com seus preconceitos pessoais. Mas se quisermos ser aceitos pelo Senhor quando permanecermos diante dEle no juízo, então vamos ter de interpretar a Palavra de Deus em linha reta do começo ao fim, mesmo quando seu corte cruza diretamente nossas teorias e convicções prediletas. É uma incoerência suprema interpretar as Escrituras de um jeito quando estamos argumentando uma coisa, então darmos meia volta e interpretarmos de outro jeito quando estamos discutindo outro argumento, apenas para podermos manter nossa própria teoria. A Palavra é comparada a uma afiada espada de dois gumes, Hebreus 4.12, e uma parte dessa comparação é que a Palavra corta **de duas direções**. Se a

usarmos para derrubar a interpretação de um oponente, não nos esqueçamos de que a Palavra tem o outro lado apontado para nossa direção para derrubar também nosso método de interpretação se for contrário às Escrituras.

Coerência em nosso método de interpretação da Bíblia é uma jóia preciosa que todo cristão deve almejar com todas as forças — não só os pregadores, embora os pregadores causarão danos muito maiores se tiverem um método zigzague de interpretação da Bíblia. B. H. Carroll tem observações tão excelentes sobre 2 Timóteo 2.15 que o melhor que podemos fazer é citá-las para benefício dos leitores. Ele diz:

“A idéia é a de um fazendeiro arando um sulco reto de arado, não torto, curvado ou zigzague. Já vi num grande campo homens arando uma linha reta por uma milha — reta como uma flecha. Assim, quando chegamos ao debate acerca da verdade, devemos arar um sulco reto, dividi-lo em linha reta, maneja-lo bem. Não devemos fazer zigzague entre as palavras como se estivéssemos tentando entusiasmar algo repentinamente, mas ir direto ao alvo, talhar rente à linha e se fomos testados como ministros de Deus podemos fazer isso. Aqui está um jeito pelo qual podemos saber que estamos arando um sulco reto: Se aplicarmos uma interpretação a alguma passagem que no livro seguinte irá diretamente contra, ou dar sombra de dúvida, esse sulco não será aprovado conforme à Bíblia e nós temos a idéia errada acerca da interpretação. Se temos a idéia certa, o sulco será um sulco reto de Gênesis até Apocalipse. Ficará de acordo com o cânon, ou regra da verdade”. — *An Interpretation of the English Bible* (Uma Interpretação da Bíblia em Inglês), Vol. 16, p. 143ff.

Todo cristão deve ser uma pessoa do Livro, e os batistas em particular têm há muito sido conhecidos como “povo do Livro”, que é o que todo cristão deve ser. Mas todos precisam dar atenção ao jeito como lêem e interpretam as Escrituras, pois até mesmo os agnósticos e infiéis lêem e interpretam as Escrituras, mas eles fazem isso com o propósito de desprezar e derrubar as afirmações e ensinamentos das Escrituras. Assim, é óbvio que ler e interpretar as Escrituras não significa nada, a menos que princípios certos sejam empregados na sua leitura e interpretação.

Já foram escritos muitos livros sobre hermenêutica bíblica, porém este escritor não teve o privilégio de ler a maioria deles. Contudo, em seus quarenta anos de ministério ele observou que as seguintes coisas são leis básicas para a interpretação correta das Escrituras. E ele espera que o uso dessas leis ajudará outros a serem melhores estudantes da Bíblia. Se fossem usadas por todos, essas “Leis” ajudariam todos os estudantes da Bíblia a ter uma opinião em grande parte harmoniosa das doutrinas bíblicas.

---

<sup>[1]</sup> hermenêutica – [F. subst. de hermenêutico.] S. f. 1. Interpretação do sentido das palavras. 2. Interpretação dos textos sagrados: 3. Arte de interpretar leis: *Dicionário Aurélio Eletrônico*

<sup>[2]</sup> Patchwork – [Ingl.] Adj. 2 g. 1. Diz-se do tecido feito com retalhos retangulares de tecidos de cores ou estampados diferentes, cosidos entre si, ou do tecido com estampado que repete o motivo acima. [O desenho deles é o mesmo de certos panos de crochê ou de retalhos feitos com pedaços retangulares de material de cores diversas.] *Dicionário Aurélio Eletrônico*

## Capítulo 1

### A Lei da Revelação

A correta interpretação da Bíblia deve começar com a verdade básica de que Deus deu uma revelação de Si mesmo e Sua vontade. Sem isso, o homem estaria no mar sem estrelas ou sem bússola, e todos os seus pensamentos do que é a vontade de Deus não seriam nada senão a imaginação de seu próprio coração e mente depravados. Pela natureza ninguém entende a verdade de Deus, pois ela está numa esfera estranha ao pensamento do homem. Assim lemos em 1 Coríntios 2.14. O pecado perverteu de tal forma o pensamento humano que o homem não pensa como Deus pensa, Isaías 55.7-9. Daí, a verdade de Jeremias 10.23.

Os primeiros versículos da Bíblia, Gênesis 1.1-6, sugerem essa revelação que Deus fez de Si mesmo, pois embora os versículos 3-5 estejam relacionados à luz literal, é certo porém que há um simbolismo aí que é explicado mais tarde como tendo a ver com iluminação espiritual, 2 Coríntios 4.3-6. Observe aqui o versículo 6 em particular: “Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, [referindo-se a Gênesis 1.3-5] é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo.” Aqui está a revelação de Deus de Si mesmo, e essa revelação foi feita com a maior plenitude e conclusão com a vinda do Filho de Deus numa natureza humana, conforme lemos em João 1.18: “Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, **este o fez conhecer**”. Muitas vezes as Escrituras mostram que as coisas literais têm um sentido simbólico e típico que não é evidente à primeira vista.

Essa primeira e importantíssima Lei de Interpretação da Bíblia — **A Lei da Revelação** — é tal que se não formos sólidos nela, não poderemos ser sólidos em nada mais, por mais sinceros ou zelosos ou instruídos que possamos fora disso ser. É isso o que mostra Isaías 8.20. “À lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, **é porque não há nenhuma luz neles**”. Isso é suficientemente claro, não é? Toda luz espiritual = verdade — corresponderá à Lei e ao Testemunho de Deus.

Essa Lei é que Deus revelou tudo o que alguém precisa saber sobre todas as coisas espirituais. Ele não falou extensivamente nas esferas da ciência, matemática, genética e muitas outras esferas, mas onde Ele falou nessas áreas Ele falou em verdade. Lemos em Deuteronômio 29.29 acerca do dever humano com relação à revelação de Deus dos assuntos espirituais. “As *coisas* encobertas *são para* o SENHOR, nosso Deus; porém as reveladas *são para* nós e *para* nossos filhos, para sempre, *para* cumprirmos todas as palavras desta lei”. Deus reservou muitas coisas secretas para Si, e o homem não tem nem a capacidade de conhecê-las nem lhe compete sondá-las, mas ele está sob a obrigação de saber e fazer o que foi revelado. E ele está pela natureza sob maldição por negligenciar saber e fazer o que foi revelado, Gálatas 3.10.

Essa **Lei da Revelação** terá relação com quatro verdades básicas, a primeira sendo **A Revelação do próprio Deus**, da qual já falamos brevemente. Embora a própria criação testifique da existência de Deus, e o Salmo 19.1-4 deixe toda a humanidade sem desculpa por não se submeter a Ele, Romanos 1.18-20, contudo há muitas coisas sobre Deus que o homem não poderia saber se não fosse pelo fato de que Ele as revelou nas Escrituras.

O primeiro versículo da Bíblia é um testemunho da natureza triúna da Divindade, pois a palavra “Deus” traduz o substantivo hebraico **Elohim**. A palavra raiz “Eloh” significa literalmente “o Forte”, e isso é evidenciado em que esse Forte criou o mundo, e tudo o que está nele, de modo que todos pertencem a Ele por direito de criação, 1 Coríntios 10.26. Essa verdade acusa todo ser humano que não está vivendo em submissão à vontade de Deus. A terminação “-im” é a terminação plural das palavras hebraicas. E aqui é necessária uma explicação. Em português temos substantivos no singular, referindo-se a um, e no plural,

referindo-se a dois ou mais. Mas a língua hebraica é diferente, pois tem **três números**: singular — um; dual — dois; e plural — três ou mais. Daí, a terminação plural desse substantivo se refere a Deus — o Forte — como um Ser uniplural consistindo de três ou mais Personalidades. O restante das Escrituras limita essa pluralidade só a três Pessoas, o Pai, o Filho e o Espírito. Mas ao contrário dos tão chamados unitaristas (os trinitaristas são mais verdadeiramente unitaristas, pois cremos na Unidade de Deus, que não é incoerente com o Trinitarianismo, que sustentamos), as Escrituras começam com um testemunho da doutrina da Trindade, que é explicada posteriormente na Bíblia.

Imediatamente no começo das Escrituras vemos a soberania de Deus, Sua personalidade triúna, Seu direito de posse e Senhorio de toda a criação, Sua benevolência, e muitas outras coisas. Mais tarde **Elohim** é revelado como **Jeová**, que é Seu nome pessoal, e esse nome significa que Ele é o Deus que guarda alianças e se preocupa com Seu povo.

Todas as atitudes subseqüentes de Deus para com os homens manifestam Sua santidade imaculada, e conseqüentemente Sua justiça incontestável que deve e punirá todas as violações de Sua santa vontade. “Porque tu não *és um* Deus que tenha prazer na iniquidade, nem contigo habitará o mal. Os loucos não pararão à tua vista; odeias a todos os que praticam a maldade. Destruirás aqueles que falam a mentira [quer dizer os que falem contrário à Sua revelação]; o SENHOR aborrecerá o homem sanguinário e fraudulento”. (Salmos 5.4-6)

A revelação que Deus faz de Si mesmo não só revela que Ele é Criador e Senhor, e que portanto todos os homens devem fidelidade e adoração a Ele, mas também revela Sua direção providencial de todas as coisas para o bem da criatura quando ela se submete à vontade de Deus. A falha do homem em fazer isso é o que constitui a depravação humana, e conseqüentemente a condição perdida do homem, e assegura a todos os que assim agem que um dia eles serão julgados e condenados. Nenhum texto revela melhor as operações providenciais de Deus para o bem de sua criatura mais elevada do que Romanos 8.28: “E sabemos que todas *as coisas* contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por *seu* decreto”.

Mesmo que não houvesse outros fatores, só esse bastaria para condenar o homem à perdição eterna, não houvesse uma redenção feita para ele, pois sua descrença é apesar da — e contrária à — contínua bondade de Deus para com ele. Uma das principais, se não a principal, ênfase das Escrituras é que o Deus Triúno que guarda a aliança que Ele fez com o Seu povo realizou uma redenção por eles. A primeira comunicação disso foi dada enquanto o homem caído estava ainda no Jardim do Éden quando Deus predisse que a Semente da mulher derrotaria a semente da serpente, Gênesis 3.15. Esse foi o propósito declarado da encarnação do Filho de Deus. “E dará à luz *um* filho, e chamarás o nome de JESUS [do hebraico Jehoshua significando Jeová é Salvador], porque ele **salvará o seu povo dos seus pecados**”. (Mateus 1.21) “Bem como o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e **para dar a sua vida em resgate de muitos**”. (Mateus 20.28)

Todas as coisas revelam a personalidade graciosa de Deus, e devem ser reconhecidas como a revelação que Deus faz de Si mesmo, de outra maneira não podemos interpretar corretamente a Palavra de Deus. Mas há ainda outra coisa que é parte da revelação que Deus deu, e que é, **segundo, a revelação da impiedade**, ou depravação humana. Esse é o ensino claro das Escrituras acerca do estado natural do homem desde o momento do nascimento. O primeiro homem, que representava todos os que descenderiam dele, pecou, e assim trouxe um estado natural de pecaminosidade sobre todos, Romanos 5.12. Daí, a verdade de Romanos 3.23: “Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”. Isso é inegável, pois todos provam isso continuamente, como o salmista foi movido a escrever no Salmo 10.4-11. O versículo 4 dessa passagem explica a aversão universal do homem a Deus até que ele tenha graciosamente se convertido: “Por causa do seu orgulho, o ímpio não investiga; todas as suas cogitações são: Não *há* Deus”. Aqui está, incidentalmente, a definição de Deus para a maldade. Não necessariamente a imoralidade, mas simplesmente uma aversão

inata que move o homem natural a ter tão pouco a ver com Deus quanto possível. Portanto, ninguém pode com justiça interpretar as Escrituras enquanto nega a depravação total do homem.

Embora o homem continuamente negue sua impiedade, e tente justificá-la, sua vida porém é uma prova viva dessa impiedade. Um leigo cristão certa vez disse que as pessoas que afirmarem não crer na depravação total, com certeza a praticam abertamente. Mas quer o homem a reconheça ou não, as Escrituras continuamente revelam a pecaminosidade do homem. O homem natural ama o que Deus odeia, e odeia o que Deus ama, e não quer nada a ver com Deus, e isso é devido em grande parte ao fato de que Deus revela o que o homem não quer, em seu total egocentrismo, reconhecer — sua impiedade inata. Tragicamente, muitos professores aprovam os pecados dos pecadores quando tentam remover a doutrina da depravação total mediante suas interpretações da Bíblia.

Uma das verdades mais fundamentais é que a impiedade humana consiste na recusa do homem de conformar-se à Verdade de Deus. 1 João 3.4s declara que o “pecado é iniquidade”<sup>[11]</sup>. A Lei de Deus — que abrange muito mais do que os Dez Mandamentos, pois realmente inclui todas as Escrituras — é o padrão de tudo o que é certo e errado. As declarações de Romanos 4.15s deixam claro a abrangência dessa Lei: “Onde não há lei também **não há transgressão**”. E Romanos 5.13s: “**O pecado não é imputado não havendo lei**”. Isso está bem claro. O pecado é só imputado ou declarado contra uma pessoa se ela violou a Lei Divina e se ela não a violou, não importa o que mais ela tenha feito, nenhum pecado é declarado contra ela. O padrão para o que é certo e o que é errado é a Palavra de Deus, um **padrão objetivo** (fora do homem), e não as próprias idéias de uma pessoa do que é certo e errado, um **padrão subjetivo** (dentro do homem), como tantos falsamente o interpretam hoje. O pecado é pecado quer o pecador pense que é pecado ou não. E o que os pecadores pensam que é bom não é bom a menos que esteja à altura das exigências de Deus conforme mostram as Escrituras. Essa é uma verdade tremendamente libertadora, pois elimina toda a falsa culpa, e uma verdade que honra maravilhosamente a Deus, pois revela a necessidade de um total conhecimento, e obediência, das Escrituras como o único fator determinante nesse assunto.

Muitos pregadores falsos violam Romanos 4.15 e 5.13 colocando falsa culpa, mediante pregações legalistas, sobre as pessoas às quais eles ministram. Isto é, eles formulam leis eclesiásticas para controlar os membros quanto o que podem crer e fazer quando essas leis não têm base na Palavra de Deus. Esse tipo de pregação é bem popular entre pregadores e até mesmo entre o povo comum, pois agrada à soberba da vida em nos fazer pensar que temos guardado certas leis religiosas, e por isso merecemos a aprovação de Deus. Mas é baseado em princípios errados de interpretação da Bíblia. E essa pregação legalista geralmente ignora o ensino de que somos aceitos totalmente pela graça, ou então o interpreta de modo incorreto. Mas isso é totalmente contrário ao sistema da graça que ensina que se não somos aceitos totalmente pela graça, não somos então de modo algum aceitos diante de Deus.

E, em seqüência, **em terceiro lugar, a revelação de Deus é pela graça** sendo o único princípio sobre o qual o pecador se achega a Deus sem ser condenado. É somente nessa base que o homem tem alguma esperança, pois sem a graça de Deus o homem está sem esperança e destinado à perdição eterna. As Escrituras revelam o seguinte sobre a graça: (1) Ela vem só de Deus, 1 Pedro 5.10. (2) Ela é totalmente aparte das obras humanas, Romanos 11.6. Não se pode misturar um com o outro, e a confiança num dos dois automaticamente elimina o outro. (3) Ela foi trazida ao homem através da encarnação do Senhor, João 1.14. (4) Ela começou na eternidade, tendo sido depositada em Cristo Jesus para todos os eleitos, 2 Timóteo 1.9-10; Efésios 1.3-6, e a sua aplicação é suficiente para sempre. (5) Ela tanto salva quanto santifica, Tito 2.11-12, de modo que a partir do momento em que Deus começa a aplicá-la, aquele que a recebe jamais fica fora de seu poder que a tudo supera, Romanos 5.20-21. (6) Ela realmente entra em toda área da vida humana, 2 Coríntios 9.8, com exceção do juízo final. Não haverá graça ali, mas só pura justiça condenatória. Precisamos observar, e louvar a graça que é evidente em toda parte em nossas vidas. (7) As vitórias da graça triunfante terão um replay por toda a eternidade à medida que o estilo de vida de cada santo for mostrado a

todos os outros para o louvor da gloriosa graça de Deus, Efésios 2.7; 1.3-6. Ninguém pode ser um obreiro aprovado e manejar bem a interpretação da Palavra de Deus sem manejar bem a graça de Deus.

Vemos Deus revelando a graça no fato de que Ele fez da fé o único meio de agradar a Ele, Hebreus 11.6, mas a fé é sempre uma manifestação da graça operacional, conforme nos diz Romanos 4.16. Onde há a fé genuína, vemos uma evidência da graça, pois só cremos pela graça, Atos 18.27s. As Escrituras declaram que a fé não é uma capacidade natural de alguém, mas em vez disso é obtida de Deus, Efésios 2.8-9, sendo uma das muitas coisas que fazem parte da vida e piedade que Deus deu a Seu povo, 2 Pedro 1.1-4. Em todo lugar em que o novo nascimento e a fé são mencionados juntos, os tempos dos verbos gregos mostram que o novo nascimento, que é obra exclusiva de Deus, vem antes da fé, e é realmente a causa dela, João 1.12-13; 1 Pedro 1.21-23; 1 João 5.1, e outros. E isso é lógico bem como bíblico, pois logicamente a vida vem antes das atividades da vida. Um homem morto, quer morto física ou espiritualmente, só consegue fazer uma coisa, que é se decompor mais.

Pelo fato de que a graça não existe na natureza no homem, mas é um dom divino, Deus deve revelá-la ao homem antes que ele a veja e entenda. Sendo a graça de Deus um favor que não é merecido e é imerecido, é uma verdade que é diametralmente oposta ao orgulho e auto-suficiência inatos do homem, e por esse motivo ele resistirá a essa verdade até que a graça crucifique a carne. As Escrituras muitas vezes mostram que a redenção graciosa de Deus não deixa espaço para glorificar a carne, Romanos 3.27; Efésios 2.9, mas dá toda glória a Deus, Efésios 1.6-7.

Portanto, ninguém pode com justiça interpretar a Palavra de Deus a menos que ele entenda o princípio da graça sobre o qual se baseia toda a bondade de Deus ao homem. Em vez disso, ele enganará aqueles sobre os quais ele tem alguma influência espiritual, e esse é o motivo por que é tão importante entender e interpretar com justiça a graça de Deus.

E isso nos leva ainda a outra revelação que Deus deu, que é a **quarta, a revelação da bondade de Deus** aos homens. Todas as atitudes de Deus para com o homem — até que o homem as rejeite mediante rebelião — são caracterizadas por bondade. Toda a criação foi estabelecida para manifestar bondade para a humanidade, e só experimentamos coisas ruins porque o homem faz muitas invenções nas obras de Deus. Nada de ruim vem de Deus, exceto aquilo que a pecaminosidade e a rebelião humana compelem Deus a enviar.

A evidência mais inicial da bondade espiritual de Deus para com o homem será totalmente mal compreendida, por causa da cegueira espiritual do homem que o pecado operou nele. “A benignidade de Deus te leva ao arrependimento”. (Romanos 2.4) Mas o homem interpreta mal isso como tentativa de Deus de tirar os prazeres da vida, e torná-lo infeliz. Quando o homem rejeita a bondade de Deus, então a ira de Deus é revelada contra toda impiedade, versículos 4-6, pois é uma cegueira proposital às evidências universais da bondade de Deus, Romanos 1.18-20.

As Escrituras muitas vezes enfatizam a bondade de Deus que nos cerca completamente, Salmo 33.5: “A terra está cheia da bondade do SENHOR”. Salmo 52.1: “A bondade de Deus *permanece* continuamente”. Nem é toda essa bondade apresentada como algo que é frustrantemente fora de nosso alcance, ou proibida para o nosso gozo, pois Deus “nos dá **todas as coisas para delas gozarmos**”. (1 Timóteo 6.17) É uma paródia diabólica fazer de Deus um grande estraga-prazeres cósmico que está fazendo tudo em Seu poder para tornar o homem tão infeliz quanto possível. Sim, às vezes pregadores ignorantes mediante sua pregação legalista dão a mesma impressão. **Nada poderia ser mais longe da verdade.** Não há nada verdadeiramente bom que o mundo goze que Deus não tenha permitido a Seu povo também gozar, contanto que eles o façam dentro dos limites de segurança que Ele colocou ao redor deles. Deus só proíbe aquilo que é espiritualmente mortal, que só um imbecil completo poderia desejar.

Deus revelou Sua bondade para Sua criação de modo que pudéssemos ver o valor que Ele dá ao nosso amor, adoração e louvor. Ai de nós! Somos muitas vezes como animais vorazes que rosnam contra seus donos até mesmo enquanto comem daquilo que os seus donos lhes dão. Ao mesmo tempo em que Deus derrama Sua bondade com tal abundância, muitas pessoas, inclusive santos professos, rosnam contra Ele, e O criticam dizendo que não têm mais e melhores coisas. A ingratidão é uma evidência de depravação, Romanos 1.21-22: “Porquanto, tendo conhecido a Deus, não *o* glorificaram como Deus, nem *lhe* deram graças; antes, em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos”.

Deus revelou muitas coisas em Sua Palavra, e essas foram reveladas “*para* que cumpramos todas as palavras desta lei”. (Deuteronômio 29.29) Então a Palavra de Deus **é lei, não uma mera opinião ou sugestão**, e ninguém pode manejar bem a interpretação das Escrituras se não começar reconhecendo e se submetendo à Palavra de Deus que é tanto completa quanto inerrante.

---

<sup>[1]</sup> Condição de ser sem lei -- #458, *Strong's Exhaustive Concordance*

## Capítulo 2

### A Lei da Submissão

É um fato verdadeiro que ninguém pode vir a entender genuinamente a Palavra de Deus enquanto ele estiver apegado a uma idéia preconcebida sobre o sentido de determinada passagem. Muitas vezes ele é motivado nisso por interesse próprio. A idéia preconcebida é um bloqueio mental que resiste eficazmente à verdade. Observamos isso numerosas vezes na vida de Cristo, pois muitos dos judeus foram até Ele ao saberem dos grandes milagres que Ele realizava. Contudo, quando Ele não aceitou ser forçado a entrar no molde das idéias preconcebidas que eles tinham dEle quanto ao que o Messias deveria ser, eles foram embora decepcionados e bravos, e foram no final os que gritaram: “Crucifica-O! Crucifica-O!” O orgulho, o preconceito e as idéias preconcebidas podem levar uma pessoa a fazer loucura.

Se o homem é uma criatura caída e depravada, e as Escrituras declaram esse fato com abundância, então não se deve jamais deixar a vontade da carne exaltar-se acima da vontade revelada de Deus. Na medida em que o Espírito de Deus é o Autor das Escrituras, bem como o Interpretador delas, deve-se olhar somente para Ele a fim de se obter a interpretação certa desse Livro. “Porque qual dos homens sabe as *coisas* do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as *coisas* de Deus, senão o Espírito de Deus.” (1 Coríntios 2:11)

A fim de alcançar a interpretação certa das Escrituras, o homem deve ser submisso ao Espírito de Deus, pois há outros “espíritos” que certamente o desviarão se não se buscar a liderança do Espírito. Em 1 Coríntios 2:11-12 se mencionam três espíritos distintos que podem influenciar as reações do homem. Há: (1) O espírito humano, (2) O Espírito Santo, e (3) O espírito do inferno, que é Satanás em seu papel como o “deus deste mundo”, 2 Coríntios 2:4. Pelo fato de que ele não é onipresente como o Espírito de Deus, ele tem muitos “espíritos enganadores” — demônios — que o ajudam em seus enganos, 1 Timóteo 4:1, e esses são as causas de todas as doutrinas falsas.

Que essa submissão necessária se ache geralmente nas pessoas verdadeiramente nascidas de Deus, mas só nelas, é indicada na declaração de 1 Coríntios 2:12-14: “Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus. As quais também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as *coisas* espirituais com as espirituais. Ora, o homem natural não compreende as *coisas* do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente”. A diferença nesses dois tipos diferentes está na submissão do cristão a Deus.

Essa necessidade de submissão foi o que Jesus mencionou quando disse: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou *se* eu falo de mim mesmo”. (João 7:17) Esse mesmo dever foi apresentado no Antigo Testamento, em Oséias 6:3: “Então conheçamos e prossigamos em conhecer ao SENHOR”. Nada ajuda mais alguém a vir a interpretar corretamente as Escrituras do que ter uma vontade humilde e submissa para fazer a vontade de Deus, e nada perverte tão rapidamente a verdade como uma má vontade de fazer o que Deus tem revelado como Sua vontade. Essa Lei, pois, é de grande importância, e deve ser secundária só ao fato de que já se fez uma revelação da vontade de Deus. Nenhuma atitude do estudante da Bíblia é tão importante como essa.

“Assim como a Bíblia nos foi dada para propósitos práticos, influenciando caráter, conduta e destino, nosso estudo da Bíblia, para ser proveitoso, deve estar em linha com esses propósitos. O ponto central de toda lição, pois, será sua doutrina nessas questões, e essa doutrina deve ser de tal forma recebida pela fé e assimilada pela obediência a ponto de se tornar um



conhecimento por experiência. ‘Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina, conhecerá se ela é de Deus’. A confirmação contínua e certeza elevada de que estamos interpretando corretamente a Palavra divina pode vir somente aos que podem dizer: ‘Então conheçamos e prossigamos em conhecer o Senhor’, no mesmo modo de experiência que traz suas bênçãos com cada passo a frente. ‘Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade, e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas fazedor da obra, este tal será bem-aventurado no seu feito’”. — B. H. Carroll, *An Interpretation of the English Bible* (Uma Interpretação da Bíblia em Inglês), Vol I, p. 9.

Dá para ver facilmente a verdade de João 7:17 quando consideramos que todo ateu militante estuda as Escrituras, mas nunca chega a conhecer a verdade. O motivo disso é que ele estuda com o objetivo de refutar e derrubar os ensinamentos da Palavra de Deus, e por esse motivo, ele é incapaz de vir a entender verdadeiramente seu sentido. Sua atitude é errada, pois ele está determinado em sua oposição a Deus, e Deus pois não lhe dará a o discernimento para entender corretamente a verdade espiritual.

“Nessa declaração nosso Senhor declarou um princípio de suprema importância prática. Ele nos informa como *certamente* se pode alcançar o alvo em conexão com as coisas de Deus. Ele nos diz como se obter discernimento e certeza espiritual. A condição fundamental para se obter *conhecimento* espiritual é um desejo genuíno de coração de realizar a vontade revelada de Deus em nossas vidas. Sempre que o coração está reto Deus dá a capacidade de compreender Sua verdade”. — A. W. Pink, *The Gospel of John* (O Evangelho de João), Vol. I, p. 385.

É um engano comum os homens suporem que eles têm a capacidade de entender as coisas espirituais somente pelo mero exercício de suas faculdades mentais naturais. Mas as Escrituras negam isso em muitos lugares, pois as coisas espirituais progridem de acordo de leis espirituais, e só dá para entendê-las quando se reconhece essas leis espirituais e se submete ao Autor Divino das Escrituras. “E, ainda que tinha feitos tantos sinais diante deles, não criam nele; para que se cumprisse a palavra do profeta Isaías, que diz: Senhor, quem creu na nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do Senhor? Por isso não podiam crer, então Isaías disse outra vez: Cegou-lhes os olhos, endureceu-lhes o coração, a fim de que não vejam com os olhos, e compreendam no coração, e se convertam, e eu os cure”. (João 12:37-40) Esse mesmo texto de Isaías 6:9-10 é citado pelo menos em três outros lugares no Novo Testamento no mesmo contexto. “Pois quê? O que Israel buscava não o alcançou; mas os eleitos o alcançaram, e os outros foram endurecidos”. (Romanos 11:7) “Mas os seus sentidos foram endurecidos; porque até hoje o mesmo véu está por levantar na lição do velho testamento, o qual foi por Cristo abolido”. (2 Coríntios 3:14)

É mediante somente pelo poder iluminador do Espírito de Deus que alguém pode entender as verdades espirituais da Bíblia. E é frequentemente verdadeiro que aqueles que têm mais aprendizado humano, pelo fato de que confiam nisso em vez de serem conduzidos pelo Espírito, chegam a entender com menos plenitude a verdade do que aquele que tem menos formação educacional, pois este está consciente da necessidade de ser instruído pelo Espírito de Deus. Foi a própria promessa do Senhor que declarou: “Mas, quando vier aquele Espírito de verdade, ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir”. (João 16:13) Observe que o Espírito guiará em toda a verdade, e portanto quando alguém vier a conhecer a verdade, é mediante a obra do Espírito Santo e não por outro meio. Desses fatos torna-se óbvio que a qualquer momento que alguém rejeita o ensino do Espírito Santo, e confia somente no raciocínio humano para entender a Palavra de Deus, ela imediatamente cai vítima da frustração e confusão. Este não está em submissão ao Autor e Intérprete das Escrituras. Olhando com objetividade o caso não pode ser de outro jeito. Somente onde há uma plena submissão ao ensino e liderança do Autor das Escrituras pode a capacidade de entender profundamente o verdadeiro sentido delas ser recebida.

## Capítulo 3

### A Lei do Sentido Comum

O que se quer dizer com essa lei é que onde certa palavra é usada nas Escrituras, deve-se entendê-la em seu sentido mais comumente aceito em todo caso onde é possível. Pensando um pouco perceberá a razão para essa Lei. Se Deus tivesse a intenção de dar uma revelação de Si mesmo à humanidade, é esperado que Ele a daria em palavras que o homem pudesse entender facilmente, e não encobrir o sentido em termos misteriosos e desconhecidos. A Palavra de Deus é chamada de “revelação” (grego **apokalypse**), porque revela Sua vontade e caminho ao homem. Se Sua palavra tivesse o objetivo de esconder Sua vontade e caminho ao homem, teria sido chamada **apocriypha** — algo escondido — que jamais é o caso. Conforme observamos antes, Deuteronômio 29:29 deixa claro que “As coisas encobertas são para o SENHOR, nosso Deus; porém as reveladas são para nós e para nossos filhos, para sempre, para cumprirmos todas as palavras desta lei”. E o Senhor dá testemunho de Sua determinação de revelar Sua verdade em outros lugares. “Certamente o Senhor DEUS não fará coisa alguma, **sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas**”. (Amós 3:7) Essas duas passagens assim mostram que o que Deus revela ao homem é bem pertinente a ele, e o que é mantido em segredo dele não tem nenhuma relevância para ele, nem é ele responsável por isso. A obscuridade deliberada é impensável numa **revelação**.

Mas se essas coisas são assim, então é óbvio que ao dar uma revelação de Sua vontade ao homem, Deus não obscureceria deliberadamente o sentido dela, mas a apresentaria nos termos mais claros necessários para o homem entendê-la. Se fosse de outro jeito, não se poderia fazer com que o homem prestasse contas por conhecê-la, pois até mesmo a lei humana reconhece o princípio, e declara que nenhuma lei obscura tem alguma força obrigatória. Se cremos que a Bíblia é a revelação de Si mesmo e Sua vontade ao homem, então devemos também crer que ela será expressa em termos que o homem possa entender. E certamente indicam isso as centenas de exemplos em que as Escrituras dizem “Então falou Deus todas estas palavras”, ou “veio a palavra do Senhor”, e outras declarações semelhantes que indicam que o que é entregue é compreensível àqueles a quem é falado.

Por esse motivo não temos a liberdade de entender qualquer palavra em qualquer sentido, exceto seu sentido mais natural e comumente aceito, exceto em raras exceções, que consideraremos mais tarde neste estudo. Alguém bem disse: “Se o sentido comum de uma palavra faz sentido, então não busque outro sentido”. A tolice de fazer de outro jeito foi mostrada nos primeiros dias da história cristã, pois até hoje o entendimento de muitas pessoas acerca das Escrituras foi arruinado pelas interpretações loucas que certos antigos comentaristas da Bíblia aplicaram às Escrituras. Orígenes (c. 185-254) de Alexandria, um dos tão chamados “Pais da Igreja”, popularizou a **espiritualização** até mesmo dos textos mais simples e ensinando que eles sempre tinham algum significado misterioso e oculto que não era óbvio ao crente comum. Seu método de descartar até os ensinamentos mais claros foi seguido por alguns em todas as gerações. É claro, o ego do pregador se sente bajulado se ele puder afirmar achar nos textos simples o que não é evidente para ninguém mais, e isso explica, em grande parte, a popularidade de tais meios não bíblicos de lidar com a Bíblia. Um desejo orgulhoso de obter glória para si é sempre uma tentação para qualquer um, inclusive pregadores. Tendo dito isso, deve-se reconhecer que há partes das Escrituras que têm sentidos simbólicos ou representativos, pois o próprio Senhor e Seus escritores inspirados às vezes mostram isso. Mas devemos ter o cuidado de não inventar tais interpretações, e principalmente nunca ir atrás de tal modo de interpretação que menospreze o sentido literal do texto.

Mais que freqüentemente, a única razão para não se querer entender uma palavra ou texto em seu sentido mais comumente aceito é que essa palavra ou texto entra em conflito com preconceitos pessoais. Podemos usar como exemplo principal disso a controvérsia que se travou durante os últimos quatro ou cinco séculos

por causa das palavras gregas que são traduzidas “batizar” e “batismo”, na maioria das versões do Novo Testamento. Durante os primeiros treze séculos ou mais dessa era ninguém questionava o fato de que essas palavras gregas significavam o ato de imergir ou imersão. Essas palavras **sempre** tinham a ver com a introdução de alguém ou algo numa solução ou material penetrável. Era uma verdade clara como o sol. Mas começando no século catorze muitas igrejas começaram a se afastar da imersão como o modo correto da ordenança cristã como o pré-requisito de ser membro da igreja. E quando os batistas da época as desafiaram nessa questão, elas tentaram justificar seu afastamento pondo em dúvida os significados comuns das palavras, e essa prática tem continuado até hoje entre os desobedientes.

Contudo, poucos eruditos religiosos de qualquer renome arriscarão sua reputação negando que o sentido básico dessas palavras é de imergir, mergulhar, abluir-se ou submergir. Quando este escritor estava preparando seu livro texto **“Estudos Acerca da Verdade da Igreja”** alguns anos atrás, ele pesquisou literalmente centenas de testemunhos dos léxicos gregos, acadêmicos gregos, comentaristas bíblicos, professores de seminários, e outros com relação a esse assunto. Ele descobriu que antes dos últimos cem anos aproximadamente, só dois nomes importantes negavam que esse fosse o sentido mais comum de **baptizo** e **baptisma**. Um desses foi um conhecido teólogo que por sua própria confissão não era um especialista em línguas. O outro era o renomado Léxico Grego Liddell e Scott. Mas eles receberam tantas críticas de todas as áreas do Cristianismo por darem “aspergir” como um sentido possível, que em sua edição seguinte, eles o removeram completamente e não lhe fizeram nenhuma referência. Os acadêmicos sinceros são compelidos a admitir que a imersão é o sentido principal dessas palavras.

Muitos pregadores modernos, em seu esforço para justificar sua prática não bíblica de aspergir ou derramar e chamar isso de batismo, têm tentado voltar atrás no sentido secundário e metafórico dessas palavras gregas, que podem ser “cobrir completamente”. Mas até mesmo isso não lhes dá nenhum consolo ou ajuda, pois o sentido metafórico ainda se baseia no sentido literal da palavra e não pode ser oposto em sentido a ela. Em nenhum outro caso que conhecemos o sentido comum de uma palavra é mais bem estabelecido, ou a tolice que acompanha o ato de se afastar do sentido comum mais evidente, do que no caso do mandamento do batismo. Assim, isso ilustra a grande importância na interpretação bíblica de perseverar no sentido principal das palavras bíblicas.

Nem é o batismo o único exemplo da violação desse princípio, pois a palavra grega que é traduzida “igreja” (**ekklesia**) tem da mesma forma sofrido muito abuso, resultando no que é quase mundialmente ensinado com um falso sentido. Essa palavra grega deriva-se de **ek**, fora de, e **kaleo**, chamar. Como verbo, significa convocar, e foi comumente usado desse jeito no grego. Como substantivo, refere-se a “uma assembléia convocada”, e jamais é usada no Novo Testamento ou na versão grega do Antigo Testamento, nem nos apócrifos com qualquer outro sentido. A idéia de uma **igreja visível e universal** nunca foi apresentada até dois ou três séculos depois de Cristo, e quando foi apresentada, veio de homens arrogantes e ambiciosos que desejavam ser senhores soberanos sobre mais do que as assembléias locais. E mais incoerente ainda, a idéia de uma **igreja invisível e universal** é de época bem recente, sendo inventada nos dias da Reforma. Contudo, um cristão hoje será isolado como um completo herético se ele apenas expressar dúvida acerca da “Igreja” sendo universal. Essa questão é tratada extensivamente no volume um da mencionada obra do autor acima.

Mas dissemos que em raros casos seria justificável afastar-se do sentido principal de uma palavra e aceitar um sentido secundário. Sob quais circunstâncias isso seria assim? Somente se o sentido principal de uma palavra, se aceito, se chocasse violentamente com alguma outra doutrina ou interpretação. Mas isso será um acontecimento bem raro. Muito mais comumente, quando isso parece ser o caso, ver-se-á que é um conflito **inventado**, feito a fim de justificar o ato de deixar o sentido principal, ou então o conflito evidenciará que uma ou outra das duas interpretações aparentemente em conflito é errônea.

E como dissemos, tal exemplo em que temos justificação para deixar o sentido principal em troca de um sentido secundário será bem raro. No entanto, isso ocorre em raras ocasiões, mas mesmo então, tal troca

jamais contradirá o sentido principal, nem lhe será contrário, a menos que a palavra tenha um prefixo ou uma partícula adversativa ligada a ela que a contradiga, que é comumente feito. Mas isso confirma o sentido principal de uma palavra em vez de justificar um afastamento do sentido.

Muitas vezes supõem que a Bíblia foi escrita em tal linguagem técnica que as pessoas comuns não podem entendê-la, e conseqüentemente que os únicos intérpretes confiáveis da verdade bíblica são aqueles com um título de doutor. Na realidade, a verdade é quase o oposto, pois as pessoas comuns, se nasceram de novo e são habitados com o Espírito de Deus, geralmente entenderão as palavras das Escrituras em seu valor mais aparente, e daí não buscarão ir além do sentido comum dos termos. Por outro lado, os que são “doutores da lei” (e não estamos condenando a educação nem os títulos **em si**) têm a tendência de ficar insatisfeitos com o sentido básico de uma palavra, mas querem se aprofundar mais do que o sentido superficial, e o resultado é que eles se inclinam a ignorar o sentido comum. A educação formal é boa, e todo cristão deve se esforçar para obter tanto quanto puder. Mas a tragédia é que em muitos círculos religiosos, acham erradamente que a posse de um título ou dois automaticamente signifique que uma pessoa é um homem espiritual, e tal não é o caso. O mundo religioso está cheio de religiosos sem salvação que têm muitos títulos elevados, mas não têm percepção para entender a verdade espiritual. Independente de quantos títulos o homem natural tenha, ele não entenderá a verdade espiritual, 1 Coríntios 2:14.

Às vezes o próprio orgulho influencia o desejo de trazer indiferença ou questionamento do sentido comum de uma palavra nas Escrituras, e isso já levou a alguns dos maiores debates e conflitos sobre palavras. É interessante que o grego **logomacheo** de onde extraímos nossa palavra em português “logomaquia” (ser contencioso sobre palavras) se acha no contexto imediato da admoestação de Paulo a Timóteo: “Procura apresentar-te a Deus aprovado”, etc., pois está escrito: “Traz estas *coisas* à memória, ordenando-lhes diante do Senhor que **não tenham contendas de palavras**, *que* para nada aproveitam e são para perversão dos ouvintes.” (2 Timóteo 2:14) Aliás, Paulo várias vezes avisa contra contendas acerca de palavras, 2 Timóteo 2:23; Tito 3:9. E ele declara que essas contendas acerca de palavras brotam do orgulho e ignorância. “Se alguém ensina *alguma* outra doutrina e se não conforma com as *sãs* palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com a doutrina que é segundo a piedade, é soberbo e nada sabe, mas delira acerca de questões e contendas de palavras, das quais nascem invejas, porfias, blasfêmias, ruins suspeitas, contendas de homens corruptos de entendimento e privados da verdade, cuidando que a piedade seja causa de ganho. Aparta-te dos tais”. (1 Timóteo 6:3-5)

E não desejamos ser mal-entendidos aqui, como se fossemos contra a formação educacional, ou o estudo das línguas originais ou os sentidos mais profundos das palavras bíblicas, pois essas são todas boas coisas, e devem ser buscadas. Mas deveria ser evidente para todos que as palavras da revelação de Deus devem ser adequadas para os ignorantes, e não os sábios, quando consideramos que “...não são muitos os sábios segundo a carne... que *são chamados*”. (1 Coríntios 1:26) Pois ao chamar Seu povo do meio dos ignorantes, fracos e ignóbeis, Deus deve necessariamente escolher as palavras da chamada em termos simples e fáceis de entender. Foi por esse motivo que Paulo não deu muita importância para falar línguas estrangeiras entre os coríntios, pois não lhes era proveitoso, a menos que se empregassem palavras fáceis de entender. “Assim também vós, se com a língua não pronunciardes palavras bem inteligíveis, como se entenderá o que se diz? porque estareis *como* que falando ao ar.” (1 Coríntios 14:9)

Ao interpretar as Escrituras, devemos primeiramente reconhecer que elas são uma revelação da Pessoa e vontade de Deus ao homem, e portanto são expressas em terminologia humana comum. Não devemos desnecessariamente complicar sua mensagem aplicando sentidos incomuns a suas palavras. O orgulho do intérprete da Palavra poderá ficar exaltado se parecer que ele tem a capacidade de descobrir muitas verdades misteriosas a partir de uma Escritura aparentemente simples e aberta. Contudo, isso não servirá para a edificação dos ouvintes comuns, o que é o mais importante. Que os frutos amargos do método de Orígenes de espiritualizar até mesmo os textos mais simples das Escrituras nos sejam de aviso contra tais práticas.

## Capítulo 4

### A Lei do Uso Comum

Essa lei está ligada à lei anterior, mas não é a mesma coisa, pois podemos aprender mais acerca do significado de uma palavra observando como é comumente usada. Muitas vezes ao observar todas as vezes em que determinada palavra aparece no Novo Testamento, vemos com que ela lida negativamente ou positivamente e a plenitude de seu sentido. Para citar uma ilustração: a palavra grega **kosmos** tem o sentido básico de ordem, arranjo, ornamento, adorno. É traduzida “mundo”, em todas as 188 vezes em que aparece, exceto em 1 Pedro 3:3, onde é traduzida literalmente “enfeite”. Muitas pessoas erroneamente presumem que essa palavra **sempre e sem exceção** se refere a toda a humanidade, mas tal não é o caso, pois um exame cuidadoso de todas as vezes em que ela aparece mostra que tem pelo menos treze aplicações diferentes. Portanto, ninguém pode com justiça interpretar qualquer texto usando **kosmos** se não levar isso em consideração e cuidadosamente estudar o contexto para apurar ao que é bíblicamente aplicado. Deve-se temer que a negligência de fazer isso vem promovendo muita falsa doutrina.

Ou para citar outro exemplo: Embora não tão comum hoje como eram há duas gerações, muitos pregadores tinham o costume de entrar em debates acerca de assuntos religiosos. A justificativa para esses debates era que raciocinava-se que embora nenhum dos dois debatedores pudesse ser influenciado ou mudado de sua posição, porém os que escutavam e observavam os debates poderiam aprender doutrina, e alguns, talvez, até mesmo se converter através disso. Isso soa lógico e bom.

Mas quando consideramos todas as vezes em que aparece a palavra grega traduzida “debate” (**eris**), vemos que **jamais é usada num bom sentido**. De modo oposto, Paulo a denomina obra da carne, que é condenada. “Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: adultério, prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, **porfias** [grego **eris** = **debate**]”, etc. (Gálatas 5:19-20). E em Romanos 1:29 Paulo descreve os homens a quem Deus entregou a uma mente pervertida, para fazer aquelas coisas que não são convenientes, tais como estar “cheios de toda iniquidade, prostituição, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, **contenda** (**eris**), engano, malignidade;” etc. De novo, ele pergunta em 1 Coríntios 3:3: “Porque ainda sois carnis; pois, *havendo* entre vós inveja, contendas [**eris** = **debate**] e dissensões, **não sois porventura carnis, e não andais segundo os homens?**”

Certamente não podemos visualizar como sendo boa qualquer coisa que ande em tal má companhia, como acontece com essa palavra, e achamos impossível ver qualquer coisa boa vindo daquilo que a Palavra de Deus declara que é uma marca de carnalidade. Isso só mostra como uma idéia errônea pode ocorrer quando o uso comum de uma palavra do Novo Testamento não é considerada e todos os seus usos comparados. Assim, muitas vezes nos esquecemos do aviso de 2 Coríntios 10:5, “Destruindo os conselhos, e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo;”.

Isso nos leva a considerar outra prática errada que é muito comum entre o povo do Senhor, e essa prática é fazer com que o **bom senso comum** seja o juiz e júri quanto ao que é certo numa interpretação ou prática. Já que “comum” significa aquilo que todos têm em comum, e as Escrituras muitas vezes nos avisam que a maioria da humanidade não é salva, nem espiritual, nem consciente da verdade, podemos ver o perigo de seguir o “bom senso comum” em assuntos espirituais. Se substituirmos o “bom senso comum” pelo “sentido e uso comum” de uma palavra no Novo Testamento, só poderemos esperar terminar em confusão. Na melhor das hipóteses, o “bom senso comum” é apenas raciocínio humano, no qual jamais se pode depender quando o bom senso se afasta do veredicto autorizado da Palavra. Paulo foi inspirado a mandar o povo do Senhor

sujeitar todas as imaginações do homem à mente de Cristo, que é só conhecida através da Palavra de Deus, 2 Coríntios 10:4-5.

Pelo fato de que a mente humana foi afetada pela queda do homem no pecado no Jardim do Éden, não se pode jamais confiar totalmente na mente até que a carne seja redimida na volta do Senhor. Até então, mesmo os cristãos precisarão constantemente ser renovados na mente, Romanos 12:2; Efésios 4:23, e eles jamais podem confiar em sua própria capacidade de raciocinar para interpretar a Palavra. Precisamos permitir que as leis já consideradas nesta série tenham impacto pleno sobre o sentido e uso comum de uma palavra, ou então o erro certamente ocorrerá.

Nós nos aventuramos a dar outro exemplo da tolice de se afastar do uso comum de uma palavra — neste exemplo, o **uso universal** de uma palavra — e de substituir o raciocínio humano no seu lugar. Em Mateus 13:33 Jesus disse: “Outra parábola lhes disse: O Reino dos céus é semelhante ao fermento, que uma mulher toma e introduz em três medidas de farinha, até que tudo esteja levedado”. Soltando as amarras do ancoradouro do uso comum, e dando liberdade para a imaginação, os homens têm concluído que aqui fermento era um tipo do Evangelho, que, assim pensava-se, ao ser introduzido no mundo, logo se expandiria no mundo inteiro, e faria com que todas as pessoas se tornassem cristãs. Essa interpretação foi dada como um meio de justificar uma falsa doutrina — o erro do **pós-milenialismo**, que só se pode aceitar mediante uma interpretação incorreta dos ensinamentos simples da Palavra de Deus. Chegou-se a essa conclusão sobre o sentido do fermento aqui apesar do fato de que o fermento (grego **zume**) **jamais é usado num bom sentido, mas sempre num sentido maligno** nas Escrituras. O uso comum dessa palavra é totalmente contra a interpretação de que o fermento aqui é um tipo do Evangelho, mas alguns homens que, em outros aspectos são bons e firmes, têm sido desencaminhados porque ignoraram essa Lei do Uso Comum. “Fermento” aparece quinze vezes no Novo Testamento, mais um número ainda maior de vezes no Antigo Testamento, e com a exceção da vez em que aparece em Mateus 13:33 e na passagem paralela de Lucas 13:21, é sempre como algo que se deve evitar, e os crentes recebem ordens de removê-lo. E esses dois textos não são exceções ao uso comum, pois ensinam a mesma verdade, exceto que aqui “fermento” é usado como uma representação ou metáfora. Referência a Mateus 16:12 revela com que intenção se tipifica o fermento na parábola de Jesus. “Então compreenderam que não dissera que se guardassem do fermento do pão, mas da **doutrina** dos fariseus”.

A intenção da parábola de Jesus era mostrar, não os efeitos extensivos do Evangelho no mundo inteiro, mas em vez disso os efeitos extensivos e corruptores da doutrina falsa. Nas Escrituras, muitas vezes a mulher é usada para tipificar um sistema moral ou religioso, bom ou mau. Veja o aspecto mau descrito em Apocalipse 17:1. Nessa parábola a mulher representa um falso sistema religioso que introduz falsa doutrina no mundo religioso com o resultado de que o reino terreno do céu é pervertido. É exatamente isso o que aconteceu, começando no segundo e terceiro séculos, e o resultado foram todas as falsas igrejas do catolicismo e protestantismo. Todas as parábolas em Mateus 13 que antecedem à parábola do versículo 33 haviam predito somente um sucesso limitado na sementeira da semente porque o diabo mandaria obreiros maus para introduzir ervas daninhas (religiosos não salvos) no meio da boa semente, e essas seriam misturadas no reino do céu para seu grande prejuízo. Ter agora uma parábola que mostre expansão e sucesso quase universal do Evangelho seria uma contradição gritante do tema inteiro dessa série de parábolas, as quais estão todas inter-relacionadas, e harmoniosas em seus ensinamentos. Mas interpretação contra as representações, parece, não tem nada de errado para alguns intérpretes se a representação confirmar seu falso sistema de doutrina que não se poderia confirmar de outro modo. Mas tal é contrário a toda interpretação correta da Bíblia.

“O princípio da fermentação que lhe é inerente o torna o símbolo de corrupção, pois a fermentação é o resultado da maldição divina sobre o universo material por causa do pecado. Sempre na Bíblia, o fermento fala do mal em alguma forma... Em Mateus 16:12, o fermento fala da doutrina diabólica em sua forma triplicada de farisaísmo (externalismo na religião),

saduceísmo (ceticismo acerca do sobrenatural e das Escrituras) e herodianismo (mundanismo)”. — Kenneth S. Wuest, *Word Studies In The Greek New Testament* (Estudos da Palavra no Novo Testamento Grego), Vol. I, p. 162.

Essa necessidade de considerar o uso paralelo de uma palavra ao interpretar as Escrituras é mostrada em 1 Coríntios 2.12-13: “Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus. As quais também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, **comparando as coisas espirituais com as espirituais**”. Aqui observamos várias coisas pertinentes sobre a interpretação das Escrituras. (1) É somente mediante o Espírito Santo que podemos entender as coisas de Deus. (2) Ele foi dado “para que pudéssemos conhecer” etc., o que dá prova de que é a vontade de Deus que Seu povo tenha consciência da verdade que está guardada nas Santas Escrituras. (3) Não se aprende essas coisas através das palavras da sabedoria humana, mas somente através das palavras da sabedoria divina. É por esse motivo que precisamos guardar as **palavras** que a sabedoria humana deu em vez de substituir os termos e sinônimos humanos onde for possível. (4) Finalmente, esse entendimento das coisas de Deus ocorre somente “comparando as coisas espirituais com as espirituais”. É isso que queremos enfatizar — a comparação de todos os usos de determinada palavra ou doutrina nas Escrituras é o modo divinamente ordenado de interpretar a Palavra. Uma das formas mais comuns de apresentação da Bíblia é o **paralelismo** — a colocação de duas declarações em paralelo uma com a outra a fim de compará-las, ou contrastá-las, assim definindo-as com mais clareza por cada parte explicando a outra.

## Capítulo 5

### A Lei da Linguagem

Essa lei bem que poderia ter o título de “A Lei da Estrutura Gramatical”, pois ela tem relação com as formas e estruturas das palavras e seu arranjo normal em frases e orações. Portanto, com essa lei nossa intenção é considerar a importância que diferentes tempos, modo verbal, número, voz, etc., têm na interpretação apropriada das Escrituras, e principalmente nas línguas da Inspiração. É um fato que muitas vezes uma interpretação errônea é produzida quando, por simples negligência, não se considera o modo exato em que uma declaração é apresentada na Palavra de Deus. A Palavra de Deus é totalmente inspirada, e portanto podemos esperar que toda partícula dela tenha uma significação digna de nossa maior atenção. Nada disso poderia ser desse jeito se, como afirmam alguns liberais, só os **pensamentos** fossem inspirados, com a construção exata das palavras deixadas à escolha do escritor individual. As Escrituras ensinam em 1 Pedro 1:10-12 que os escritores inspirados às vezes não entendiam o que profetizavam, mas tinham de estudar diligentemente seus próprios escritos para apurar o que estavam profetizando. Nosso Senhor negou a opinião dos liberais acerca da doutrina da inspiração quando Ele disse: “O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar”. (Mateus 24:35) E ainda mais pertinente é Sua declaração em Mateus 5:18: “Até que o céu e a terra passem, **nem um jota ou um til se omitirá da lei**, sem que tudo seja cumprido”.

Nessa última passagem, a palavra “jota” se refere à letra hebraica Yod, a menor desse alfabeto, enquanto “til” se refere ao chifrinho ou anexo que diferenciava algumas letras hebraicas de outras, nenhum dos quais saiu de existência. Imagine! Não só as palavras, mas até mesmo as menores letras, bem como as partes menores das letras que compunham as palavras, não saíam de existência, mas permaneceriam até que tudo se cumprisse. Isso mal parece a opinião dos liberais acerca da inspiração, e estudos adicionais confirmarão isso.

É bem importante na consideração de qualquer passagem determinada das Escrituras dar atenção adequada aos tempos verbais usados, pois essa é a categoria gramatical que determina o tempo da ação ou o estado de existência de um sujeito. Citamos, mediante ilustração, uma passagem em que alguns cometeram esse erro, e conseqüentemente apareceram com um erro bem sério com relação às oportunidades de salvação após a morte. As Escrituras declaram que “porque por isto foi pregado o Evangelho também aos mortos, para que, na verdade, fossem julgados segundo os homens na carne, mas vivessem segundo Deus em espírito;”. (1 Pedro 4:6) A partir desse texto alguns têm formulado uma doutrina de uma segunda chance para os homens serem salvos após a morte. Eles baseiam essa idéia na idéia errônea de que o Evangelho foi pregado àqueles que estão mortos, dando-lhes uma segunda chance de ser salvos. Mas uma cuidadosa atenção aos tempos verbais mostra o erro dessa interpretação. O Evangelho **foi pregado** (tempo passado) **àqueles que estão** (agora) **mortos** (tempo presente), que faz uma diferença muito grande de entendimento no que alguns propõem.

É ainda muito melhor se podemos estudar as Escrituras em suas línguas originais, pois as línguas que a Inspiração escolheu nas quais registrar a Palavra de Deus — o hebraico do Antigo Testamento e o grego do Novo Testamento — são ambas mais precisas do que nossa língua portuguesa. Dá para ver isso pegando uma concordância em português e procurando quase todas as palavras comuns. Pois veremos que muitas vezes uma palavra em português será usada para traduzir até uma dezena de palavras gregas e hebraicas totalmente diferentes, das quais todas têm variadas nuances de sentido, a maioria das quais o português não revela. É claro que muitas vezes isso não é possível para os leigos, e assim Deus chama os pastores, que comumente são versados nas línguas da Inspiração, para lhes expor a Palavra. Mas às vezes até mesmo os pastores podem não ter conhecimento do hebraico e grego, porém Deus dotou muitos homens piedosos do passado com conhecimento dessas línguas, e os levou a escrever comentários em que se explicam as línguas



originais. Lamentavelmente, temos conhecido alguns pregadores que se recusaram a usar quaisquer tais auxílios sob a alegação de que o Espírito Santo lhes ensinaria o que eles precisavam saber. A atitude deles, se podemos julgar pela prática deles, é a atitude orgulhosa e arrogante que “de todos os homens só eu sou conduzido pelo Espírito de Deus. Esses outros homens que escreveram todos esses comentários não eram conduzidos pelo Espírito de Deus ao fazerem isso, mas só inventaram essas coisas. Não preciso delas, pois sou mais espiritual do que esses homens”.

Se essa não é a atitude deles não sabemos qual a desculpa que eles têm para não usar os bons estudos e dissertações que Deus deu a homens bons e piedosos das gerações passadas. E deve-se logo admitir que nenhum comentarista escreveu por inspiração. Por isso, às vezes eles estavam errados em algumas dissertações, mas talvez não mais errados do que nós todos estaremos quando estivermos diante do tribunal de Cristo.

No Novo Testamento grego os tempos presente e futuro geralmente correspondem aos tempos do mesmo nome em português. Mas a língua grega tem vários tempos que têm a ver com ações passadas, mas com diferentes nuances de sentido do nosso tempo passado em português. Muitas vezes, esses tempos não são traduzidos, de modo que a nuance de sentido que a Inspiração deu a determinado verbo não é revelada. O **tempo imperfeito** grego expressa uma ação prolongada ou recorrente no tempo passado. O **tempo aorista** grego é estritamente a expressão de uma única ação momentânea ou transitória, sendo assim distinta do imperfeito. E no modo indicativo comumente significa o tempo passado. O **tempo perfeito** é muitas vezes traduzido como um simples tempo presente, mas tem a noção dupla de uma ação terminada no tempo passado, e de seu efeito existindo até o presente. Esse é um tempo de modo especial abençoado, já que muitas vezes expressa a posição do cristão em Cristo, mas que geralmente não aparece em nossa tradução em português. O **tempo mais que perfeito** expressa o efeito como passado bem como a ação. (Sobre essas questões, veja *Harper Brothers' Analytical Greek Lexicon* [Léxico Grego Analítico dos Irmãos Harper], p. xlii.)

O efeito prejudicial de não conhecer todos os verbos gregos se vê na doutrina que se cria a partir de Mateus 16:19, que é quase o oposto do que é apresentado pelos verbos da Inspiração. Muitas pessoas e até denominações inteiras usam isso como justificativa para uma igreja decretar qualquer coisa que lhe agrade, como se o Senhor a fosse sancionar. Tomamos a liberdade aqui de registrar nossas observações neste texto:

“A maioria das traduções, inclusive João Ferreira de Almeida, têm ignorado completamente os tempos, principalmente o uso de ‘ligar’ [amarrar] e ‘desligar’ [desamarrar] de cada seção do versículo. Pois esses outros usos das palavras não são de forma alguma os tempos futuros, como indica a versão em português, mas são os tempos perfeitos, que representam uma ação que foi completada, porém com resultados que se estendem ao presente. Uma tradução literal, assumindo conhecimento de todo verbo em seu devido tempo teria a leitura: ‘E aquilo que tu amarrares (**subjuntivo futuro ativo**, indicando possível ação no futuro) na terra será (**indicativo futuro**, indicando simples ação futura) o que já foi amarrado, resultando numa amarração permanentemente estabelecida (**particípio passivo perfeito**, indicando uma ação passada terminada com resultados progressivos) no céu. E aquilo que tiveres desamarrado (**subjuntivo aorista**, uma possibilidade passada simples) na terra, será (**futuro**, indicando simples ação futura) o que foi desamarrado, resultando numa desamarração permanentemente estabelecida (**particípio passivo perfeito**, de novo indicando uma ação passada terminada com resultados progressivos) no céu’. Assim, em vez de a Cabeça da igreja dar permissão às igrejas para fazerem quaisquer regras que quiserem para regular sua adoração, Ele as confinou a sempre ‘amarrar’ e ‘desamarrar’ somente em conformidade com os princípios que já foram estabelecidos no céu. Em outras palavras, tudo deve ser regulado pelos princípios revelados nas Escrituras Inspiradas”. — *Studies On A Harmony Of The Four Gospels* (Estudos acerca de uma Harmonia dos Quatro Evangelhos), p. 481. (Manuscrito não publicado.)

Nós nos aventuramos a dar ainda outra ilustração que, embora sem relação com um grande erro doutrinário, é apesar de tudo um erro. Alguns homens, a fim de se apegarem à teoria de que a ordenação ao ministério do Evangelho é absolutamente necessária para a administração do batismo, declaram que o diácono Filipe se tornou um pregador ordenado antes que ele batizasse os samaritanos e o etíope, Atos 8. Contudo, lemos acerca dele alguns vinte anos mais tarde que ele ainda era considerado um dos sete diáconos originais, muito embora ele fosse agora conhecido como “Filipe, o evangelista”, Atos 21:8. A declaração “que era um dos sete” soa em português como se se referisse ao que ele **era uma vez**. Mas na verdade, o verbo grego é um **particípio presente** — “sendo um dos sete”, de modo que, longe de ser um pregador ordenado pelo modo costumeiro, ele ainda era reconhecido como um dos sete diáconos originais. O erro de pensar que Filipe havia se tornado um pregador ordenado surgiu em parte pelo fato de se atribuir à palavra **evangelista** um sentido moderno. Em nossa época, essa palavra veio a significar um pregador que é só um reavivalista, mas nas três vezes em que aparece no Novo Testamento, a palavra sempre é usada em contraste ao ministério pastoral ordenado da Palavra, e em vez disso tem o sentido de “evangelizar”.

Há também a necessidade de considerarmos cuidadosamente os **substantivos** e seus **pronomes** a fim de chegarmos a entender de modo adequado as Escrituras, pois acontece às vezes que a interpretação certa dependerá deles. Por exemplo, o catolicismo romano coloca muita ênfase em que suas mulheres tenham todos os filhos que puderem, e lhes promete, aliás, vida eterna por fazerem isso. Eles baseiam isso numa interpretação incorreta de 2 Timóteo 2:15: “Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação”. Mas essa interpretação incorreta não sobreviverá se tão somente considerarmos cuidadosamente os dois pronomes desse versículo. “Ela” se refere à mulher, mas o pronome “eles” sendo diferente em número, não pode se referir à mesma pessoa, mas se refere a seus filhos. Isso não tem nada a ver com a salvação da alma, mas em vez disso está relacionado à vida da mãe. Uma mãe vive indiretamente de seus filhos, de modo que se eles forem filhos cristãos fiéis — quer dizer, “se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação”, — então qualquer que seja o sofrimento que ela possa ter suportado dando à luz a eles não terá sido em vão. Caso contrário, a vida dela terá sido em vão, e o propósito inteiro de sua vida terá se perdido. Os homens levantam para si monumentos no governo, nos negócios, nas artes e outras áreas, pois a esfera de trabalho do homem tem historicamente sido pública. Mas a esfera da mulher, tendo sido historicamente no lar, seus filhos são os monumentos dela, e ela é salva neles — quer dizer, ela vive deles, mas eles resplandecerão bem sobre ela somente se eles forem cristãos bons e fiéis.

Há muitos outros exemplos onde é necessário considerar cuidadosamente o substantivo e seu pronome a fim de se entender e interpretar corretamente as Escrituras. Pois se um pronome é interpretado para se referir ao antecedente errado, então na melhor das hipóteses o resultado será uma interpretação errada e, dependendo do assunto sob consideração, poderá se produzir uma grande heresia.

Um dos piores exemplos da interpretação errada de pronomes se encontra na interpretação comum de 2 Pedro 3:9. “O Senhor não retarda a *sua* promessa, ainda que alguns *a* têm por tardia; mas é longânimo para conosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se”. A interpretação comum desse texto aplica-o a todas as pessoas perdidas, mas em nenhuma parte toda a humanidade está em vista no contexto, nem os pecadores em geral. “Alguns” e “todos” são ambos pronomes, e nenhum pronome pode permanecer sozinho, mas deve se referir a um substantivo ou pronome antecedente. O “todos” que Deus deseja que venham ao arrependimento se refere ao “alguns” que Deus não quer que pereçam. Mas nenhuma dessas duas palavras identifica de quem são, de modo que devemos voltar um passo atrás, e achamos ainda outro pronome — “convosco”. Entretanto, esse é ainda outro pronome, de modo que ainda não identificamos quem são aqueles que Deus não quer que pereçam, mas venham ao arrependimento. O próximo substantivo é “Amados” no versículo 8, mas embora essa palavra seja uma terminologia comum para o povo do Senhor, não é ainda tão específico quando necessário para identificá-los no versículo 9. No

entanto, o substantivo aparece antes disso nos versículos 1 e 2, onde vemos que ele se refere às mesmas pessoas a quem foram dirigidas na primeira epístola que Pedro escreveu, e que define quem são eles. “Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, **aos** estrangeiros... **eleitos**...” (“aos estrangeiros eleitos espalhados” é assim que se lê o texto inspirado). Claramente então o “alguns” que Deus não quer que pereçam, mas o “todos” dos quais Ele quer que venham ao arrependimento, **são os eleitos**. Isso está em harmonia com o propósito declarado do próprio Salvador, que disse: “**Todo o que o Pai me dá virá a mim** (os eleitos, como essa frase sempre quer dizer) **vem a mim**”. (João 6:37) E também: “Dos que me deste **nenhum deles perdi**”. (João 18:9)

A outra interpretação mais comum, embora seja dada com um desejo sincero de fazer com que os pecadores percebam a disposição de Deus de salvar aqueles que se arrependem, é uma interpretação muito incorreta. E pior ainda, sugere a noção, que desonra a Deus, de que Deus é impotente para salvar todos os que Ele escolheu, e está constantemente frustrado em Seu propósito de graça. Muitas vezes as Escrituras declaram que Deus realiza tudo o que Ele determina, Salmos 103:19; 115:3; Isaías 46:9-10; Romanos 8:28-30; Efésios 1:11, e outros.

Nesse ponto precisa-se dizer algo mais sobre a palavra “todos”. Uma breve canção comum, mas totalmente sem sentido e enganosa, é muitas vezes imitada como se fosse a palavra do próprio Senhor. Muitas vezes se diz que “Tudo significa tudo, e isso é tudo o que tudo significa”. Errado! Deve-se enfatizar que a palavra “todos” não só não **abrange tudo**, como pensam alguns, mas também é **sempre limitada em todo uso**. “Todos” jamais pode permanecer só, pois é sempre usada como pronome, adjetivo ou advérbio. Mas não importa qual seja seu uso, é limitada por substantivo, pronome, verbo, adjetivo ou advérbio que a modifique. E o fato de que nem sempre se declare (mas só se insinue) a palavra que ela modifica não altera esse fato.

Não se pode minimizar a importância das **preposições** em nosso estudo das Escrituras, pois muitas vezes elas são os pontos decisivos para algumas interpretações. De novo citamos um exemplo. Os defensores do batismo por aspersão e efusão há muito desafiam o sentido da palavra grega **baptizo**, como aliás eles são obrigados a fazer a fim de sustentar que o rito seja realizado em qualquer outro modo que não seja por imersão. Mas as preposições que são usadas em conexão com **baptizo** são tais que elas nunca entram em choque com imersão, e muitas vezes **baptizo** as requer. Por outro lado, não se pode de modo algum usar a maioria dessas mesmas preposições com a prática de aspergir ou efundir-se. Assim, a preposição grega **en**, que corresponde à nossa palavra em português “em”, é usada em muitos lugares nas Escrituras com essa ordenança. Na versão do Rei Tiago em inglês, os tradutores protestantes fizeram seu próprio limite no argumento traduzindo a palavra “com” onde é usada em conjunto do batismo. Em literalmente centenas, se não milhares de outros usos, é muitíssimo comum traduzida como “em”. Tente traduzir literalmente essa palavra e colocá-la na companhia de “aspergir” ou “efundir-se”, e veremos imediatamente a incoerência de tentar fazer com que o batismo seja num desses dois modos. Essa preposição é usada com batismo em Mateus 3:6, 11; Marcos 1:4, 5; Lucas 3:16; João 1:26, e outros. Mas preste atenção e veja como essa preposição soaria se fosse usada com “aspergir” ou “efundir-se”. “E foram aspergidos por ele no Jordão!” “E foram efundidos por ele no Jordão”. Lembre-se! A expressão é tal que não foi o Jordão que foi aspergido ou efundido, mas foram as pessoas. **Não se pode aspergir ou efundir-se** pessoas. Mas usada em conjunto de imersão — “foram imergidos no Jordão” — faz sentido perfeito e fica em harmonia com o sentido da palavra grega **baptizo**.

A preposição **eis** (em) é também usada em conjunto do batismo em vários lugares, que é também incoerente e irracional se usada com qualquer palavra, exceto imergir ou seu equivalente. O mesmo se aplica ao uso de “descerem ambos à”, e “saíram da água” em Atos 8:38-39. O uso dessas preposições só faz sentido se a prática dessa ordenança era a imersão.

É ainda desse jeito que o **número** de uma palavra pode ser um ponto importante para o qual a interpretação apropriada se dirige, pois assim argumenta Paulo em Gálatas 3:16. “Ora, as promessas foram feitas a Abraão

e à sua descendência. Não diz: E às descendências [plural], como *falando* de muitas, mas como de uma só: E à tua descendência[singular], que é Cristo”. Sem dúvida, essa maneira de argumentar se aplica a 2 Samuel 22:51 e o Salmo 18:50, onde se faz referência a Davi, “com a sua semente [descendência] para sempre”, pois é claro que o que se quer dizer é um descendente específico de Davi. Alguns comentaristas têm achado que esse singular considerava toda a semente plural como algum tipo de unidade, mas Gálatas 3:16 é tão claro que ninguém pode negar que a referência é a Jesus Cristo, de modo que parece mais seguro vê-Lo sempre que o singular estiver em tais referências.

Há outros lugares em que um único substantivo é usado, mas que os tradutores por engano traduziram como plural, ou vice versa. Assim, nesse extraordinário Salmo messiânico, Salmo 110:6, lemos: “Julgará entre os gentios; tudo encherá de corpos mortos; ferirá os cabeças [literalmente, **cabeça** — singular] de muitos paízes”. Isso inquestionavelmente se refere à queda final do príncipe deste mundo conforme foi profetizado há muito tempo. “E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente; **esta te ferirá a cabeça**, e tu lhe ferirás o calcanhar”. (Gênesis 3:15)

Poderia-se dizer muito mais acerca da observação cuidadosa da estrutura gramatical na interpretação das Escrituras, mas confiamos em que isso será suficiente para mostrar a importância da construção gramatical, e assim passamos a considerar ainda outra Lei.

## Capítulo 6

### A Lei do Contexto

A palavra “contexto” significa literalmente “tecer junto”, e lida com aquilo que vai antes e depois de uma palavra ou passagem específica das Escrituras. Assim, o contexto de um texto das Escrituras são os versículos ao redor que têm relação com o mesmo assunto ou tema. Um pastor amigo, o irmão Charles Whaley, explicou bem quando disse: “Não há nenhum texto separado do contexto”. Danos incalculáveis foram cometidos por pessoas que tiraram um texto ou frase de seu contexto, e o interpretaram sem referência aos versículos ao redor.

Citamos um exemplo para mostrar a tolice disso, e embora poucas pessoas iriam ao extremo que o nosso exemplo foi, mas algumas interpretações são totalmente perigosas por sua plausibilidade aparente. Um pregador, que tinha uma séria aversão a mulheres usando coque, determinou pregar uma mensagem contra esse costume. Mas não conseguindo encontrar um texto que condenasse essa prática, ele escolheu quatro palavras de Mateus 24:17, tirou-as de seu contexto e pregou sobre o tema “Removendo o Coque”. A referência a essa passagem mostra que não há a referência mais remota a cabelo, moda feminina, nem mesmo ao sexo feminino em alguma maneira. No entanto, a passagem serviu para justificar o preconceito. E lamentavelmente, às vezes tal tolice é ainda praticada por homens que se preocupam mais com suas opiniões do que com a exposição correta da Palavra de Deus.

Um dos fatores básicos na Inspiração lida com esse assunto, conforme lemos em 2 Pedro 1:20-21: “Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação. Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo”. Observe-se primeiramente que profecia aqui e em outras partes das Escrituras não se restringe a eventos futuros que são preditos. A palavra grega **propheteia** significa literalmente **proclamar = pregar**, e esse é o sentido mais comum nas Escrituras quando essa palavra é usada.

Isso “significa a proclamação da mente e conselho de Deus (**pro**, para frente, **phemi**, falar: veja PROFETA)... Embora boa parte da profecia do Antigo Testamento seja puramente de previsão, veja Miquéias 5:2, por exemplo, e confira João 11:51, a profecia não é necessariamente, nem mesmo principalmente, prognosticadora. É uma declaração daquilo que não se pode conhecer por meios naturais, Mateus 26:68, é a proclamação da vontade de Deus, quer com referência ao passado, ao presente ou ao futuro, veja Gênesis 20:7; Deuteronômio 18:18; Apocalipse 10:11; 11:3”. — W. E. Vine, *Expository Dictionary of New Testament Words* (Dicionário Expositor do Novo Testamento), Vol. III, P. 221.

Alguns sustentam de modo errôneo que o versículo 20 proíbe qualquer indivíduo de decidir por si o que alguma Escritura significa. Essa é principalmente a posição do catolicismo que tem, até em tempos bem recentes, proibido seu povo de até ler a Bíblia, muito menos determinar seu sentido, mas eles recebiam ordens de deixar a “Igreja” decidir o sentido, e deixar a “Igreja” dizer ao povo no que crer. Contudo, esse não é o sentido desse versículo, conforme a tradução literal revela. Literalmente essa posição diz: “Nenhuma proclamação da Escritura é da sua própria e livre interpretação”, e a razão é dada no versículo 21, “porque a proclamação nunca foi produzida por vontade de homem algum”, etc. Deus deu as Escrituras a Seus porta-vozes escolhidos, e Ele deve dar a interpretação delas. Mas ao dizer que nenhuma Escritura é da sua própria e livre interpretação, sugere-se que não se deve tirar nenhuma Escritura de seu contexto e interpretá-la como se estivesse totalmente sozinha, sem nenhuma relevância para quaisquer outras Escrituras. O contexto muitas

vezes “desatará” o nó de algo que de outro jeito seria impossível entender. O erro que muitas pessoas cometem é não interpretar uma Escritura de acordo com seu contexto.

É fato que a maioria das teorias prediletas baseia-se em perversões do verdadeiro sentido e aplicabilidade do texto, pois as teorias que são sustentadas com mais tenacidade e apresentadas com paixão, são geralmente as teorias com menos comprovação nas Escrituras. Essa parece uma das fraquezas característica da carne — dar importância maior ao que tem importância menor.

Pedro advertiu contra esse próprio problema — torcer as Escrituras para tentar forçá-las a dizer o que não dizem. Depois de falar das epístolas de Paulo, e das verdades profundas que elas contém, ele disse: “...que os indoutos e inconstantes torcem, e igualmente as outras Escrituras, para sua própria perdição”. (2 Pedro 3:16) Deve-se observar de passagem que Pedro foi inspirado a colocar as epístolas de Paulo no mesmo nível das “outras Escrituras”. Isso também se aplicaria àquilo que o Espírito Santo havia movido Pedro a escrever.

As palavras que Pedro usou aqui são instrutivas. “Torcer” traduz **strebloo**, que é a forma verbal de um substantivo que se referia a um instrumento de tortura, e assim se refere à tortura com um sarilho, ou torcer até desconjuntar. É isso o que se tenta fazer com uma Escritura quando se não quer entendê-la em seu contexto e deixá-la dizer o que tinha o propósito de dizer. “Perdição” é o sentido literal da palavra aqui usada, mas também é traduzida “destruição”, pois muitas vezes tem a conotação de **destruição espiritual**. Essa é evidentemente a idéia aqui, conforme indica o seguinte versículo: “Vós, **portanto** [ele está tirando uma conclusão a partir do versículo precedente], amados, sabendo *isto* de antemão, guardai-vos de que, pelo engano dos homens abomináveis, **sejais juntamente arrebatados, e descaiais da vossa firmeza**”. Perverter uma Escritura a fim de se estabelecer uma interpretação pessoal é uma característica dos homens maus, e tem sua própria maldição, pois entorta o entendimento que o indivíduo tem da verdade e estabelece a falsidade em seus pensamentos. Mas os verdadeiros santos podem também se desviar nesse assunto, pois todos temos ainda uma mente carnal que deve ser mantida em submissão ao Espírito Santo.

Se as pessoas apenas dessem maior atenção ao contexto de qualquer Escritura que estão considerando, noventa por cento das heresias e interpretações incorretas que atormentam o Cristianismo seriam eliminadas. A maioria das interpretações erradas surge do fato de haver uma visão muito limitada do assunto sob discussão, e também por causa da tentação de interpretar as Escrituras à luz das modernas crenças e práticas. O escritor se arrisca a citar outro exemplo, erro no qual ele próprio já caiu em determinado tempo. Há uma teoria sobre a “vida intermediária”, que sustenta que na morte a pessoa não vai para o céu nem para o inferno, mas em vez disso vai para um lugar intermediário de confinamento até a vinda de Cristo. Em determinado tempo esse escritor apoiava esse erro, e uma das Escrituras em que ele se escorava para provar isso era Atos 2:34. “Porque Davi não subiu aos céus”. Entendia-se que essa passagem provava que deve haver um “estado intermediário”, pois Davi estava morto havia muito tempo, porém ele não havia subido ao céu. Contudo, o erro se baseava na ignorância do contexto.

Lendo o contexto, logo ficamos sabendo que o assunto que está sendo discutido aqui não é a “vida intermediária”, nem é de forma alguma o estado da alma que está em debate. O apóstolo está aqui argumentando que Jesus na verdade era o que Ele afirmava ser, e que o Pentecoste era prova do fato de que Jesus realmente havia ressuscitado dos mortos e subido fisicamente ao Pai, conforme já havia sido predito em profecia. A ressurreição **física** de Cristo é o assunto aqui, pois Davi não havia subido fisicamente ao céu, de modo que a profecia não poderia se referir a ele. Um conceito pré-formado envolvendo a teoria do estado intermediário permaneceu com esse escritor durante três ou quatro anos, impedindo-o de entender corretamente essa maravilhosa passagem, mas quando ele a leu em contexto, a verdade finalmente irrompeu. Isso fez com que esse escritor ficasse mais consciente da necessidade de observar o contexto inteiro em qualquer passagem antes de aplicar sobre ela alguma interpretação dogmática. Desde então, com o passar dos anos escrevendo comentários acerca de quase todos os versículos do Novo Testamento, esse escritor

constatou repetidamente que entender dentro do contexto inteiro quase sempre nos dá uma percepção mais reta de qualquer versículo.

A pregação expositiva era o tipo mais comum achado no Novo Testamento, e é claro que essa pregação envolve pegar uma parte das Escrituras e examiná-la, em vez de pegar só um texto ou tópico e desenvolver uma mensagem em torno dele. Por esse motivo, a pregação expositiva geralmente lida com uma parte maior das Escrituras do que lida com qualquer outra forma de pregação, e é pois mais fiel ao contexto de qualquer dado versículo do que qualquer outra forma de pregação. Assim essa pareceria ser a forma ideal de pregar a Palavra. No entanto, a pregação tópica e textual é também importante e muitas vezes necessária, mas devemos sempre considerar o contexto.

Mas podemos e devemos aplicar para todo o nosso estudo esse mesmo princípio e sempre fazer questão de estudar o contexto inteiro de qualquer versículo, até mesmo quando envolve vários capítulos. E todo o nosso esforço impedirá a aplicação de uma interpretação errônea num versículo isolado. O evangelismo popular que usa “Caminhando em Romanos” erra nesse aspecto, pois pega Romanos 10:13 e constrói uma pirâmide invertida em cima desse único versículo, com pouca ou nenhuma atenção ao contexto. É gloriosamente verdade que “Quem invocar o nome do Senhor será salvo”. Mas há nove capítulos e meio de contexto antes desse versículo que precisamos entender para que não lhe apliquemos uma interpretação totalmente errônea. A negligência de levar em consideração os capítulos de um a três de Romanos deixará os homens ignorantes da depravação total de todos os homens de modo que eles não perceberão sua necessidade. E sem conhecimento de Romanos 3:24-5:1 os homens permanecem ignorantes da necessidade absoluta da redenção que existe única e completamente em Cristo. E se os homens não perceberem que essa redenção é aplicada unicamente pela graça soberana, Romanos 5:20-21, eles sentirão uma auto-suficiência que os impossibilitará de sentir a necessidade de invocar o Senhor. É fácil obter profissões de fé se um Evangelho pervertido e incompleto for apresentado, mas a negligência de apresentar toda a verdade condenará o pecador para sempre, e fará com que o pregador descuidado seja culpado do sangue dos homens, Atos 20:26-27.

O contexto determinará, na maioria dos casos, o assunto de qualquer versículo, pois há geralmente um discurso conectado. A única exceção é o Livro de Provérbios que, conforme seu título sugere, é uma coleção de ditados curtos sobre muitos assuntos. Contudo, até mesmo em Provérbios há às vezes uma continuidade de assunto através de vários versículos ou, num exemplo, vários capítulos (o assunto de “Sabedoria” é bem proeminente em vários capítulos).

As Leis até agora consideradas estão todas inter-relacionadas, pois a Lei Um diz: “Deus deu uma revelação?” A Lei Dois pergunta: “Sou submisso à revelação de Deus?” Então a Lei Três pergunta: “Qual é o sentido dos termos usados?” A Lei Quatro então pergunta: “Quais as maneiras em que os termos são usados?” A Lei Cinco pergunta: “Quais as leis gramaticais que governam os termos usados?” Enquanto a Lei Seis pergunta: “Qual é o assunto do contexto em que está esse versículo?” Tudo isso é muito importante na hora de determinar a interpretação correta das Escrituras, e onde essas leis são ignoradas ou violadas, não dá para evitar erro e interpretações incorretas das Escrituras.

Todos os cristãos precisam se preocupar com a interpretação correta da Palavra da Verdade, não só por amor a si, pois todos devemos algum dia “comparecer ante o tribunal de Cristo”. (2 Coríntios 5:10), para dar “conta de si mesmo a Deus” (Romanos 14:12), mas por amor aos outros também. Nós todos temos influência sobre outros, quer queiramos ou não, e por esse motivo devemos ser sãos na fé, do contrário desencaminharemos outros. O erro doutrinário na vida de uma pessoa pode não ter conseqüências tão sérias quanto tem em outros que seguem o exemplo dessa pessoa, pois ela pode ter outras crenças que são sadias o suficiente para impedi-la de se aprofundar no erro. Mas pode ser que seus seguidores não tenham essas verdades para contrabalançar, e assim sejam mais ainda desencaminhados.

## Capítulo 7

### A Lei da Referência Paralela

Essa Lei está relacionada, até certo ponto, com a lei do uso comum, mas não é de forma alguma a mesma. O uso comum tem relação com as outras vezes em que a mesma palavra ou frase aparece, enquanto essa lei tem a ver com termos diferentes, mas que se relacionam com o mesmo assunto. A palavra “paralelo” significa lado a lado, e assim essa lei lida com o agrupamento de todas as passagens que se relacionam com determinado assunto, quer elas usem a mesma terminologia ou não. Ao estudar um assunto utilizando o uso comum, precisamos de uma Concordância, uma boa ferramenta, para mostrar onde os mesmos termos aparecem em outros lugares das Escrituras. Mas ao aplicar a lei da referência paralela, precisamos de uma outra ferramenta: o Livro de Tópicos ou de Assuntos. Esta ferramenta tem uma índice temática, ou seja, uma lista de temas relacionados agrupados pelos seus diversos tópicos.

Assim, se uma pessoa fosse estudar o assunto de oração, ela quereria encontrar todas as referências, não só à palavra “oração”, mas também à “intercessão”, “louvor”, “adoração”, “confissão”, “ações de graça”, “petições”, “súplicas”, etc., pois esses termos são todas referências paralelas e têm relação com o assunto geral de oração. Sendo relacionados, eles afetam o que é oração, e ninguém pode esperar vir a entender plenamente o que a oração é e faz sem consultar todos esses termos.

O leitor imediatamente verá que em nossas interpretações da Palavra de Deus, não há espaço sobrando para o estudante preguiçoso ou negligente, pois não há tal coisa como uma pessoa aprendendo a sã doutrina lendo dois versículos e então fechando o Livro. Os que se tornaram mais bem fundamentados nas Escrituras são os que fizeram delas um estudo de vida inteira, e que se esforçaram diariamente para ganhar verdades novas mediante estudo exaustivo. Se uma pessoa for preguiçosa demais ou despreocupada demais para fazer o esforço que o estudo diligente requer, então ela jamais será qualquer coisa mais do que uma criança no conhecimento espiritual. E conseqüentemente, ela provavelmente sempre será um cristão ignorante e imaturo. É interessante e instrutivo observar que Paulo, embora não fosse um teólogo, era um estudante até o próprio fim, pois na última epístola que escreveu antes de sua morte ele deu prova de ainda ser um estudante. “Quando vieres, traze a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo, e **os livros, principalmente os pergaminhos**”. (2 Timóteo 4:13) Como são poucos, até mesmo entre os pastores de nossa época, os que são verdadeiros estudantes da Palavra de Deus. Sem dúvida, isso explica em grande parte a fraca condição doutrinária da maioria das igrejas de hoje. Disk-sermões é a moda entre muitos.

A Lei da Referência Paralela exige muita comparação das “coisas espirituais com as espirituais”, se quisermos chegar a entender plenamente as Escrituras, pois o Senhor jamais colocou toda a verdade de algum assunto numa só passagem das Escrituras. A razão disso é talvez desencorajar que Seu povo fique preguiçoso, e incentivá-los a estudar diligentemente todas as Escrituras. Pois “**Toda Escritura** é divinamente inspirada, e **proveitosa** para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra”. (2 Timóteo 3:16-17)

Como ilustração da tolice de não considerar todas as referências paralelas ao se esforçar para interpretar as Escrituras, citamos um erro moderno. Nos anos de 1800, havia um grande debate sobre o assunto do Milênio, e muitos vieram a uma conclusão errônea, pois os homens não estudaram esse assunto sob os numerosos outros termos relacionados com esse assunto. Pelo fato de que referência a um reinado de mil anos dos santos com Cristo só foi feita num lugar, num livro “simbólico por sua própria confissão”, muitos tiveram dúvidas sobre a possibilidade real de um Milênio no futuro. Tais textos como Salmo 149:5-9; Daniel 7:13-14; Zacarias 14:3-9; 1 Coríntios 15:22-28, e numerosos outros que falam da vinda de Deus para subjugar todas as nações, e reinando com Seu povo, eram ignorados porque não mencionavam a duração específica



desse reinado. O fruto inteiro dessas dúvidas só ocorreu em nossa época, na qual grande percentagem de escolas religiosas e seminários ensinam o **amilenialismo** — por exemplo, que não há tal coisa como um Milênio no futuro.

Tivessem os estudantes da Bíblia percebido que Apocalipse 20:4-6 tem relação somente com um pequeno aspecto do Milênio, de modo especial sua duração, e tivessem eles estudo o assunto sob seus outros aspectos, o amilenialismo jamais poderia ter colocado um pé na porta para entrar. Outros assuntos relacionados têm a ver com o reino de Cristo, sendo esse reino situado na Palestina, seu governo sendo administrado pelos santos glorificados, sua realização sendo depois da volta literal de Cristo à terra, e outros. Aqui está outra evidência de que quando não conseguimos aplicar todos os dados pertinentes na interpretação muitas vezes criamos um “monstro Frankenstein” de falsa doutrina.

Mas o estudo das passagens paralelas não só raia luz sobre o assunto principal que uma pessoa está estudando, mas também revela o relacionamento do assunto com outros assuntos, de modo que muitas vezes um estudo revelou para ela o inter-relacionamento e harmonia do assunto com outros. Isso nos leva ao que foi dito antes nesse estudo. Se estivermos arando a terra em linha reta em nossas interpretações, jamais precisaremos temer que teremos uma colisão de frente com alguma outra doutrina, e não haverá nem uma sugestão de heresia. A interpretação correta da Bíblia resulta num sistema harmonioso de doutrina por toda a Bíblia.

Outra coisa acerca do uso de referências paralelas é que muitas vezes vemos que Deus profeticamente previa algo épocas antes que viesse a se cumprir, assim confirmando nossa fé na inspiração das Escrituras, e revelando Seu maravilhoso controle providencial de todas as coisas. As referências paralelas, principalmente quando são um cumprimento no Novo Testamento de uma profecia do Antigo Testamento, ou uma referência em passagem do Novo Testamento acerca de uma profecia do Antigo Testamento, muitas vezes revelam detalhes importantes que afetam a interpretação correta do versículo sob consideração. Por exemplo, há muitas coisas declaradas no Salmo 22 que são difíceis, e até mesmo impossíveis de entender, quando aplicadas a Davi. Mas quando as referências paralelas do Novo Testamento são estudadas em paralelo com esse Salmo, o que se revela claramente é que as referências se referem principalmente ao “Davi maior”, o próprio Cristo. Se as referências paralelas do Novo Testamento não fossem consultadas, tentar entender corretamente a referência do Antigo Testamento só resultaria em grande confusão.

A Lei da Referência Paralela lida com o estudo das passagens paralelas das Escrituras, ou doutrinas, muito embora elas não usem os mesmos termos, mas que, quando comparadas, maior luz é dada sobre cada uma, assim ajudando a interpretar corretamente todas elas. Isso é obviamente outra lei bem importante na interpretação da Palavra de Deus.

## Capítulo 8

### A Lei do Destinatário

Essa lei requer que consideremos de modo adequado quem, o que, quando, por que, etc., do assunto sob estudo. A primeira coisa que se deve considerar sob essa lei é **A quem se dirige?** Uma ilustração revelará a importância dessa lei. O mundo — sim, até mesmo o mundo religioso — tem em termos práticos concordado unanimemente que o caminho para o céu é pelas boas obras, mas nada é condenado com tanto vigor nas Escrituras como essa idéia. “Eu publicarei a tua justiça, e as tuas obras, que não te aproveitarão”. (Isaías 57:12) “Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justicas como trapo da imundicia;...”. (Isaías 64:6) “Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei,...”. (Romanos 3:20) “...pelas obras da lei nenhuma carne será justificada”. (Gálatas 2:16) “Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, nos salvou...” (Tito 3:5) Essas e muitas outras passagens negam em termos nada ambíguos a idéia de que o homem pode de algum jeito se salvar por suas próprias obras. Isso sendo assim, de onde então é que vem a idéia tão comum no mundo de que as boas obras têm algo a ver com o homem sendo salvo? Como exemplo específico, é característica do homem natural querer confiar em si mesmo, e não depender somente em Deus. E a idéia de que sua confiança em suas próprias obras auxiliará na sua salvação vem porque, por negligência, ele não considera a Lei do Destinatário ao interpretar as Escrituras.

As Escrituras na verdade admoestam certas pessoas a aprender “também a aplicar-se às boas obras, nas coisas necessárias, para que não sejam infrutuosos”. (Tito 3:14) Aqueles que confiam em suas próprias obras para se salvarem cometem vários erros: (1) Em nenhuma parte as pessoas recebem promessa de salvação pelas obras. (2) Aqueles que foram assim admoestados já creram para a salvação. (3) As “coisas necessárias” não são para a salvação, mas ao serviço a Deus. (4) As obras são “frutos” exigidos que todo cristão vivo deve produzir para a glória de Deus, conforme João 15:1-8, que se refere somente aos que estão “em Cristo” = pessoas salvas. Daí, (5) Aqueles que pensam que essas coisas se aplicam a eles se salvando por suas próprias obras violaram a Lei do Destinatário, e tentaram aplicar para si aquilo que não tem nenhuma aplicação para eles. A graça de Deus e as obras do homem são totalmente incompatíveis no que se refere à salvação. A salvação deve ser de um ou de outro, mas não pode ser de ambos, como mostra Romanos 11:6. E muitas outras passagens declaram que a salvação é somente pela graça mediante fé em Cristo, mas nenhuma a baseia em obras humanas.

E as Escrituras seguintes, todas ordenando boas obras, foram também todas escritas para ou por pessoas que já foram justificadas pela fé em Cristo, e salvas pela graça. “A obra de cada um se manifestará; na verdade o Dia a declarará, porque pelo fogo será descoberta; e o fogo provará qual seja a obra de cada um. Se a obra que alguém edificou nessa parte permanecer [em Cristo, versículo 11], esse receberá galardão [não a vida eterna]. Se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento; mas o tal será salvo, todavia como pelo fogo”. (1 Coríntios 3:13-15) Isso foi escrito “À igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados santos, com todos os que em todo o lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso”. (1 Coríntios 1:2) E até o versículo 15 acima mostra que a salvação não é a questão mencionada das obras, pois aqueles cujas obras se queimaram são, apesar disso, salvos. Obviamente, então, as obras de um homem não têm relevância para a salvação. Veja então a importância de se observar a Lei do Destinatário.

“Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie; Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus PARA AS BOAS OBRAS, as quais Deus preparou para que andássemos nelas”. (Efésios 2:8-10) Aqui, obras devem ser o resultado e fruto da salvação, não sua causa, pois como mostra o versículo 1, até que o homem tenha sido

espiritualmente ressuscitado — vivificado — ele está espiritualmente morto, e assim incapaz de fazer qualquer coisa espiritual, exceto se deteriorar mais. Além disso, qualquer obra que é feita por motivos egoístas perde seu valor aos olhos de Deus, conforme Jesus ensinou em Mateus 6:1, 5, 16, mas os homens professam fazer essas boas obras **a fim de serem salvos**, que é uma razão egoísta.

“Fiel é a palavra, e isto quero que deveras afirmes, para que os que crêem em Deus procurem aplicar-se às boas obras; estas coisas são boas e proveitosas aos homens”. (Tito 3:8) Essa referência a obras claramente se limita aos crentes, ou pessoas salvas, e eles são os únicos para os quais as boas obras são proveitosas, como uma comparação com Isaías 57:12 mostra.

Talvez de todas as passagens em que se confia para ensinar salvação pelas boas obras, Tiago 2:14 seja a favorita. “Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo?” Aqueles que vêm esse texto como ensinando salvação pelas obras do homem não só violam a Lei do Destinatário, mas também a Lei do Contexto. Por sete vezes antes disso, nesse livro, a palavra “Irmãos” aparece, e isso é quase sempre uma evidência de uma declaração sendo dirigida aos cristãos. Mas evidência ainda mais forte do que essa, se referindo a crentes, se encontra em Tiago 2:1, onde eles são admoestados a ter “a fé de nosso Senhor Jesus Cristo”, e 2:5, onde se diz que eles são “ricos em fé”. O contexto de Tiago 2:14 mostra que Tiago estava simplesmente mostrando que obras serão o fruto natural da fé genuína em Cristo, que a verdadeira fé não é uma fé morta, mas uma fé viva, e que a fé verdadeira será justificada **aos olhos do homem** só pelas boas obras. Não é exatamente qualquer tipo de fé que é indicada aqui, pois a tradução literal do versículo 14 é “...pode **essa** fé salvá-lo?” Isso é, uma fé que não tem obras que confirmem, pois tal é uma “fé morta”, versículo 26.

Outra coisa envolvida na Lei do Destinatário é se determinada declaração foi escrita apenas à geração então viva ou se tem aplicação para gerações futuras. 1 Pedro 1:10-12 sustenta essa questão: “Da qual salvação inquiriram e trataram diligentemente os profetas que profetizaram da graça que vos *foi dada*, indagando que tempo ou que ocasião de tempo o Espírito de Cristo, que estava neles, indicava, anteriormente testificando os sofrimentos *que a Cristo haviam de vir*, e a glória que se lhes havia de seguir. Aos quais foi revelado que, **não para si mesmos, mas para nós, eles ministravam** estas *coisas* que agora vos foram anunciadas ...”

Um dos erros comuns que muitos professores liberais e modernistas fazem é presumir que os profetas do Antigo Testamento geralmente falavam só para sua própria época, e com relação somente às questões locais. Por isso, muitos deles tentam roubar todos os crentes posteriores do consolo de muitas das antigas promessas que Deus deu. É claro, o problema deles é que eles têm um deus bem pequeno, fraco e ignorante que não se pode permitir que seja onisciente, onipresente e onipotente, e assim não pode falar a qualquer geração, exceto a uma geração que pode observar e reagir na época. Mas tal não é o Deus das Escrituras.

Vê-se que a Lei do Destinatário é muito importante na interpretação bíblica, pois se tentarmos aplicar uma Escritura a alguém a quem não se aplica, o resultado poderá ser só confusão. Mas de novo, deve-se considerar essa Lei a partir do ponto de vista **do que se fala**, pois se aplicarmos uma Escritura a algum assunto ao qual não se aplica, e ao qual não tem nenhuma relevância, o resultado será uma interpretação incorreta dela. Pode-se ilustrar isso pelo esforço dos pedobatistas para arrancar das Escrituras uma confissão da legitimidade do batismo infantil quando as Escrituras não falam disso em parte alguma. T. P. Simmons bem diz disso:

Com exceção do alegado batismo de bebês em batismo de família, que não trataremos no momento, não há nas Escrituras a mínima semelhança de indício de que bebês tenham em alguma ocasião sido batizados. Já se disse de modo impressionante que passagens que são usadas pelos defensores do batismo infantil caem em duas categorias. Uma categoria menciona **batismo**, mas **não menciona criancinhas**. Outra categoria menciona **criancinhas**, mas **não menciona batismo**. Uma terceira categoria não menciona **nem**

**criancinhas nem batismo**”. — *A Systematic Study of Bible Doctrine* (Um Estudo Sistemático da Doutrina Bíblica), p. 437, Edição em Português, 1985.

Se tentarmos forçar uma Escritura a dizer algo que não estava na mente do Escritor Divino ao dar essa Escritura, então o resultado é que essa Escritura será distorcida de seu contexto, e arrancada de sua harmonia com todo o resto da Palavra. A conseqüência só poderá ser má interpretação e confusão para todos os que aceitarem essa interpretação distorcida. Alguém disse muito bem: “Devemos deixar as Escrituras dizerem o que pretendem dizer”.

Finalmente, essa Lei do Destinatário também tem a ver com a pergunta: **Quando ou Sob que circunstância a Escritura em questão foi dita?** Pois circunstâncias podem ter um grande efeito no sentido de um versículo ou passagem das Escrituras. Podemos ilustrar isso de um evento na vida de Paulo. Em 1 Coríntios 2:2 Paulo declarou: “Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado”. Algumas pessoas, não considerando as circunstâncias presentes, têm considerado isso como justificando-as em pregar nada de natureza doutrinária em ocasião alguma, mas como incentivando só mensagens evangelísticas. Mas tal não era a intenção de Paulo nem era isso a sua prática, pois ele pregava mensagens doutrinárias bem fortes, até mesmo para os coríntios carnis. As circunstâncias do escrito dessas palavras mostram que quando Paulo foi a Corinto pregar o Evangelho, ele estava no ponto mais baixo da sua vida ministerial, pois ele havia acabado de ter um dos retrocessos mais graves de sua vida inteira. Uma comparação de 1 Coríntios 2 com Atos 17:16-18:1 revela que enquanto estava em Atenas antes de chegar a Corinto, Paulo havia pregado o Evangelho. Mas ele havia evidentemente tentado pregá-lo aos atenienses, não em sua simplicidade local, mas em termos intelectuais contemporâneos de acordo com o intelectualismo dos atenienses. Ele chegou ao ponto de citar poetas pagãos para confirmar o Evangelho, Atos 17:28-29. O resultado foi que em Atenas, a pregação de Paulo foi menos bem sucedida do que em qualquer outro lugar em que ele pregou. Foi, aliás, quase um fracasso deprimente, pois só um punhado de pessoas se converteu. E se houve um número suficiente para que se organizasse uma igreja ali, jamais se faz menção a ela. Isso foi o que fez com que Paulo escrevesse a declaração de 1 Coríntios 2:2. Ele simplesmente queria dizer que de agora em diante quando ele pregasse o Evangelho, seria na simplicidade do Evangelho, e não “com sublimidade de palavras ou de sabedoria”, como foi feito aos intelectuais de Atenas, 1 Coríntios 2:1.

Uma boa parte do Novo Testamento faz citações do Antigo Testamento, e só é possível compreendê-lo de forma plena se considerarmos as circunstâncias do texto original. Portanto, é muito importante no esforço para interpretar qualquer passagem das Escrituras considerar as circunstâncias presentes no momento em que a declaração original foi entregue.

## Capítulo 9

### A Lei da Primeira Menção

Tudo o que Deus queria que o homem conhecesse e entendesse é revelado em algum ponto nas Escrituras, e geralmente toda doutrina tem pelo menos uma passagem definitiva que expressa claramente essa doutrina, ou pelo menos o aspecto da doutrina que é ali tratada. Bem raramente qualquer coisa de alguma importância maior é mencionada na Palavra que não seja claramente explicada em alguma outra parte. E muitas vezes a passagem definitiva é a primeira referência nas Escrituras que tem a ver com aquela palavra ou doutrina particular. De modo que quando encontramos a primeira menção de qualquer coisa nas Escrituras, devemos lhe dar atenção especial, pois provavelmente será fundamental para o seu correto entendimento e interpretação.

Deus revelou Sua vontade na Palavra, não a escondeu, e Deus é um Deus de ordem, não confusão, 1 Coríntios 14:33 , 40. Portanto, podemos esperar encontrá-Lo explicando todas as coisas que têm a ver conosco em algum lugar em Sua Palavra. Se determinada doutrina não é explicada no texto que estamos estudando, então precisamos recorrer a todas as passagens paralelas, com estudo especial dado à primeira vez em que essa palavra ou doutrina aparece, pois é muitas vezes onde a encontraremos com a definição mais plena. No entanto, não devemos negligenciar as menções subseqüentes de uma palavra ou doutrina, pois essas menções muitas vezes dão informações adicionais sobre ela que também serão importantes.

Citamos como uma ilustração disso as referências numerosas à ressurreição de Jesus, que deveria ocorrer depois de uma estadia de três dias no túmulo. Muitos acadêmicos — alguns deles bem fundamentalistas — disseram que não se podia entender a estadia como significando setenta e duas horas literais. Eles pensam assim porque eles entendem mal em qual “preparação do sábado” Jesus foi crucificado, pois se essa preparação foi a preparação do sábado semanal, então Ele na verdade foi crucificado na sexta. E, de acordo com os métodos judaicos de calcular o tempo, um dia completo de vinte e quatro horas, mais a última parte de outro dia, mais o começo de um terceiro dia poderiam ser computados como três dias. Assim, é possível, de acordo com essa interpretação, que Jesus tivesse apenas estado no túmulo por um total de algumas vinte e seis horas. É na base dessas coisas que o mundo religioso quase unanimemente guarda uma Sexta Feira da Paixão. Eles herdaram essa perspectiva da tradição.

Deve-se dizer que das referências à estadia de Jesus no túmulo, sete das oito referências nos Quatro Evangelhos são de certo modo vagas, e só falam de Sua ressurreição sendo “em três dias”, ou “depois de três dias”. Mas a única referência restante a isso é a primeira referência, e é a que define todas as outras. “Pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do Homem **três dias e três noites** no seio da terra”. (Mateus 12:40) Não há como aplicar isso a um mero período de vinte e seis horas ou mais. No mínimo, isso exigiria um total de mais que cinco períodos de doze horas de tempo — ou três dias completos e duas noites completas, ou vice versa, que equivaleriam a um mínimo de mais de sessenta horas. Assim, se isso não for verdade, então há um erro bem evidente em Mateus 12:40.

Por outro lado, logo que uma declaração definitiva tenha sido feita sobre algo, não é mais necessário exatamente defini-la cada vez que é subseqüentemente mencionada, mas pode ser mencionada de um modo geral, e assim é nesse assunto. Mateus 12:40 define a duração exata da estadia de Jesus no túmulo do jardim, enquanto todas as outras referências posteriores são declarações gerais que remetem de volta à declaração definitiva. Mas, pode-se perguntar, como se pode reconciliar isso com a declaração de que Jesus foi crucificado na “preparação do sábado”? Bem simples! Todas as festas judaicas eram consideradas dia de “sábado”, e cada uma tinha um dia de preparação. Assim, era comum que houvesse tantos quantos três “sábados” na semana em que a Páscoa e a Festa dos Pães Sem Fermento ocorriam, dependendo de qual dia

da semana caía a Páscoa. E que Jesus não foi crucificado na preparação do sábado semanal — sexta — é insinuada pela ênfase dada na frase “pois era grande o dia de sábado” em João 19.31, mostrando que aquele sábado da Páscoa “era grande”, — considerado mais santo do que o sábado semanal. Isso colocará todos os dados em harmonia, mas não imputará erro na Palavra de Deus como faz claramente a teoria de uma Crucificação de Sexta.

É por isso que é tão importante que se dê atenção especial à referência inicial a uma palavra ou doutrina nas Escrituras; provavelmente, será a definitiva, e portanto a mais importante de todas, e pode e provavelmente impedirá a introdução do erro.

Encontramos essa Lei da Primeira Menção sobressaindo em muitos lugares, pois é a ordem mais natural ao lidar com qualquer assunto. Pois não é geralmente a prática uma pessoa falar por muito tempo sobre um assunto antes de definir e descrever o assunto do qual ela está falando. Do ponto de vista da boa e lógica ordem, nós naturalmente esperamos que qualquer coisa seja explicada em sua primeira menção.

Deus deve falar ao homem em termos humanos, e usar uma ordem lógica de revelar Sua vontade se Ele quer que o homem entenda Sua vontade, e esse é exatamente o caso nessa Lei. E embora não encontremos muita razão para confiarmos na razão humana, exceto onde está em submissão ao, e dirigida pelo, Espírito de Deus, mas cremos realmente que Deus revelou Sua vontade ao homem de modo que seja tanto razoável (para a fé) quanto lógico (para a mente espiritual). Esse é um dos motivos por que cremos que uma das leis básicas de interpretação bíblica envolve dar atenção especial à primeira menção de qualquer coisa nas Escrituras.

Que o leitor pegue sua concordância e use as referências em muitos assuntos e ele descobrirá que é geralmente o caso, embora haja exceções à regra. Por exemplo, o Livro de Gênesis, cujo sentido é “começos”, se inicia com a colocação de numerosos fatos fundamentais sobre Deus, o homem, o pecado, Satanás, a redenção e numerosos outros fatos bem importantes. Sem o Livro de Gênesis, boa parte do restante da Bíblia seria quase totalmente ininteligível. Aliás, nenhum homem poderia entender a si e a estranha predileção ao pecado que é universal ao homem sem a primeira referência ao pecado na Bíblia. Todos vimos as tentativas confusas dos psiquiatras para explicar o pecado e o mal com a exclusão das Escrituras, o que só nos prova a a necessidade absoluta de considerar a revelação que Deus deu sobre a primeira introdução do pecado, se quisermos conhecer a verdade. Assim de novo vemos a importância da primeira menção das palavras e frases nas Escrituras.

Esse mesmo fato é verdadeiro no Novo Testamento também, pois os Quatro Evangelhos estabelecem alguns fatos importantes dos quais a verdade é progressivamente revelada nas partes restantes do Novo Testamento. Por esse motivo, o Dr. Henry G. Weston escreveu um livro sobre Mateus que ele designava “O Gênesis do Novo Testamento”. Desse primeiro livro do Novo Testamento nos aventuramos a citar duas ilustrações dessa Lei da Primeira Menção. Primeira, começa com o relato do nascimento dAquele que foi predestinado para ser o Redentor, 1 Pedro 1:18-21 e a primeira menção de Sua obra é definitiva, não só dela, mas também da divindade dAquele que a realizaria. “E dará à luz *um* filho, e chamarás o seu nome JESUS; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados”. (Mateus 1:21) “Jesus” é a forma grega de Jeoshua, um nome hebraico composto de **Jah**, Jeová, o nome pessoal do Deus que guarda a aliança, e **hoshua**, salva. Seu sentido é, **Jeová é salvador**. Que esse nome era importante é revelado pela conjunção “porque” = por causa de — “Ele salvará o seu povo dos seus pecados”. Os dois versículos subseqüentes mostram que foi profetizado que isso ocorreria, não de um modo comum, mas miraculoso — por um ato criativo de Deus, como em Jeremias 31:22. Daí, temos (1) **Profecia declarada**. (2) **A Pessoa descrita**. E, (3) **A Propiciação definida**, que seria limitada aos escolhidos do Senhor — só aqueles que cressem, como em tantos textos subseqüentes.

E segunda, mas de menor importância, embora ainda ilustrando o ponto relevante. Os liberais há muito negam o fato da possessão demoníaca, e atribuíam sua manifestação à doença mental que, presumiam eles

arrogantemente, o povo daquela época era burro demais para entender, de modo que eles a atribuíam à atividade demoníaca. Mas a primeira menção de possessão demoníaca no Novo Testamento a distingue claramente da loucura, ou doença mental. “E a sua fama correu por toda a Síria, e traziam-lhe todos os que padeciam, acometidos de várias enfermidades e tormentos, os endemoninhados, **os lunáticos**, e os paralíticos, e ele os curava.” (Mateus 4:24) Aqui estavam realmente quatro classes distintas umas das outras: (1) Aqueles que estavam doentes fisicamente. (2) Os endemoninhados. (3) Os lunáticos, ou os com doenças mentais. E, (4) Os com paralisia, os paralíticos. Nenhum método de interpretação poderia em momento algum confundir essas classificações uma com a outra. Assim, com a simples aplicação dessa Lei da Primeira Menção, ninguém poderia tentar fazer parecer que a possessão demoníaca era simplesmente a opinião supersticiosa das massas ignorantes acerca da doença mental.

Foi provado vezes sem conta que quando se aplicam métodos errados de interpretação das Escrituras, o resultado será uma conclusão errônea. Se o intérprete ainda não crê, ou se ele tem preconceito contra a verdade, o mal será mais intenso. Os primeiros princípios precisam ser sãos, ou então nada mais poderá ser são.

## Capítulo 10

### A Lei da Analogia da Fé

Consideramos aqui de novo a Lei que está relacionada com a Lei anterior, embora com uma abrangência bem maior. A Lei Sete lidava com a Referência Paralela — isto é, com a consideração de assuntos relacionados dentro do mesmo tema geral. Observamos então que deve haver harmonia geral entre as divisões de qualquer assunto se são ambos verdadeiros. Mas agora devemos ir ainda mais além e considerar que se as Escrituras são na realidade uma revelação de Deus, dadas para revelar Sua vontade para o homem, então todas Elas devem harmonizar umas com as outras. A qualquer momento em que uma de nossas interpretações contradisser outra interpretação, há evidência de que uma ou outra ou ambas são falsas, pois o Deus perfeito e santo não pode dar uma revelação imperfeita ou falsa. O homem erra com suas interpretações, suas traduções, e de outras maneiras, mas não se pode culpar Deus por isso. Era comum os teólogos falarem sobre “A Analogia da Fé”, mas poucos hoje sabem o que isso significa.

Com “Analogia da Fé” o que se quer dizer é o inter-relacionamento harmonioso de todas as doutrinas dentro dos limites das Escrituras. As doutrinas da Bíblia não se chocam nem se contradizem, mas constituem um só sistema complexo da verdade. Nas Escrituras, é isso o que se chama “A Fé”, pois há uma vasta diferença entre o verbo **crer**, ou, **ter fé**, e o substantivo “**a fé**”, que é o objeto ao qual a fé do crente se dirige. T. T. Eaton salientou de modo bem hábil essa diferença quase um século atrás.

“A fé do Novo Testamento é bem mais do que a mera aceitação de certos ensinamentos. Ter fé é mais do que crer. Um homem pode crer em tudo na Bíblia, de capa a capa, e ainda estar perdido. A fé do Evangelho é uma confiança do coração em Cristo como Salvador e Senhor, o coração que inclui a vontade, de modo que a ação vem em seguida... O que devemos crer, o que devemos ser e o que devemos fazer ‘de acordo com as Escrituras’ — essa é ‘a fé’ que foi entregue uma vez por todas e pela qual devermos ‘batalhar diligentemente’ — **epi-agonize**... O grego é **epagonizesthai**, —**epi-agonize** — e é a palavra mais forte em qualquer língua, até onde eu saiba, que expressa intensidade da luta. No Novo Testamento, só ocorre aqui [quer dizer, em Judas 3 — DWH]. Devemos **agonizar** para entrar pela porta estreita [Lucas 13:24 —DWH], mas devemos **epi-agonize** pela ‘fé que uma vez foi dada aos santos’. Essa, então, é a luta suprema de nossa existência. É mais importante que ‘a fé’ seja mantida do que qualquer outra coisa, sim, do que nossa própria salvação como indivíduos. Devemos **agonizar** pela nossa salvação, mas **epi-agonize** pela fé”. — *Fé e A Fé*, pp. 35, 45, 48-49.

A Lei da Analogia da Fé requer que toda interpretação que é aplicada a alguma palavra, versículo ou doutrina das Escrituras esteja em harmonia com o corpo geral da verdade em todo o restante das Escrituras. Não se pode tolerar interpretação alguma que contrarie a Palavra, em parte ou em tudo. Vê-se a importância dessa Lei no seguinte fato: quando é aplicada a uma parte da Palavra, uma interpretação equivocada tira a harmonia dessa parte com outra. Isso requer então reajustamento da interpretação da segunda parte, que pois a torna fora de harmonia com uma terceira parte, e assim por diante. O erro sempre progride e em nenhum lugar isso é mais evidente do que o erro na interpretação da Bíblia.

Mais uma vez, isso manifesta que o estudante sério da Bíblia não pode ser nem preguiçoso nem descuidado, pois deve haver um conhecimento completo de todas as doutrinas da Bíblia a fim de se colocar essa Lei em ação. Por isso, surge também o fato de novo de que o método correto de interpretação da Bíblia envolve muito de “comparar as coisas espirituais com as espirituais”.



A religião cristã não é um punhado de doutrinas isoladas ajuntadas num sistema desarmonioso e discordante, mas tem um grande foco central, em redor do qual todas as coisas nele giram, e esse centro é Cristo. É interessante observar que na medida em que o sol é o centro de nosso próprio sistema solar, assim Cristo é às vezes mencionado como o “Sol”, e outros termos tais que indicam que Ele é o centro do mundo espiritual. As Escrituras revelam Cristo nas seguintes personalidades: O Criador do Mundo, o Sustentador do Mundo, o Revelador do Pai, o Redentor dos homens, o Advogado junto do Pai, a Cabeça da Igreja, o Rei Vindouro do Mundo e o Juiz de todos os homens. Numa palavra, Ele é a fonte, sustentador e fim de toda a criação. “Porque **dele, e por ele, e para ele são todas as coisas**; glória, *pois*, a ele eternamente. Amém!” (Romanos 11:36)

Não só isso é assim, mas as Escrituras inteiras lidam com Ele de modo maior ou menor. Por esse motivo, está escrito: “Porque o testemunho de Jesus **é o espírito de profecia**”. (Apocalipse 19:10) Sendo isso assim, é totalmente natural que todas as doutrinas das Escrituras sejam inter-relacionadas mediante o Senhor Jesus, e isso nos dá a razão para sempre buscar interpretar todas as partes da Palavra em harmonia com todas as outras partes das Escrituras. A Bíblia é, como convertidos sem cultura em algumas terras a têm chamado, “O Livro de Jesus”, pois Ele é a pessoa central nela, e todas as coisas que ela contém estão de alguma maneira relacionadas a Ele. Todas as doutrinas da Bíblia estão inter-relacionadas mediante o Senhor Jesus, e é por isso que se deve sempre considerar essa inter-relação em nossa interpretação da Bíblia. Fazer outra coisa é ignorar essa Lei da Analogia da Fé, e talvez produzir, através de nossa interpretação, um antagonismo entre duas doutrinas das Escrituras.

## Capítulo 11

### A Lei da Dupla Referência

Muitas vezes ocorre que determinada passagem das Escrituras pode ter uma referência dupla, uma imediata e local, e a outra profética e bem distante. Quando tal é o caso, há grande confusão se não reconhecemos isso e não levamos em consideração o aspecto profético da dupla referência. De maneira semelhante, já aconteceu às vezes que indivíduos recusaram aceitar a referência imediata e local, mas afirmaram que a referência só trata do lado profético e distante. Ao fazerem isso, eles foram capazes de ser indiferentes à sua própria responsabilidade no assunto. Assim foi nos dias de Ezequiel, pois ele foi comissionado para dizer aos israelitas: “Filho do homem, eis que *os da casa de Israel* dizem: “Filho do homem, eis que *os da casa de Israel* dizem: A visão que este tem **é para muitos dias, e ele profetiza de tempos que estão longe**. Portanto dize-lhes: Assim diz o Senhor DEUS: Não será mais adiada nenhuma das minhas palavras; e a palavra que falei se cumprirá, diz o Senhor DEUS”. (Ezequiel 12:27-28)

A Lei da Dupla Referência é simplesmente o reconhecimento de que o cumprimento de determinada passagem das Escrituras pode não ter esgotado seu significado, mas que pode haver um cumprimento maior e posterior da passagem. Isso não é raro nas Escrituras, mas aparece numerosas vezes tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Isso se aplica tanto a eventos quanto a pessoas, pois as pessoas são muitas vezes tipos e representações de pessoas. Quem, por exemplo, imaginaria que havia algo mais do que uma referência imediata e local para Isaías e seus filhos na declaração de Isaías 8:18: “Eis-me aqui, com os filhos que me deu o SENHOR, por sinais e por maravilhas em Israel, da parte do SENHOR dos EXÉRCITOS, que habita no monte de Sião”. (Isaías 8:18) No entanto, essa declaração é citada em Hebreus 2:13 como se referindo a Cristo e Seus irmãos. Isso é simplesmente um exemplo de Dupla Referência, e onde isso não é levado em consideração, o resultado pode ser confusão, e pode haver uma incapacidade de receber toda a verdade. Essa Lei explica muitas referências no Antigo Testamento como tendo um sentido e aplicação duplos. Sem dúvida, assim como algumas pessoas do Antigo Testamento prefiguravam Cristo, de modo semelhante pessoas que há muito tempo deixaram de existir prefiguram o Anticristo em alguns lugares.

Essa Lei se encontra principalmente nas partes proféticas da Palavra, pois a profecia é muitas vezes apresentada figurativamente em alguns eventos locais. Tal caso é aquele que se acha nas predições de nosso Senhor sobre a destruição de Jerusalém, que veio a ocorrer no ano 70 d.C., que prefigura a invasão final da Terra Santa por exércitos do Anticristo, e a Grande Tribulação que então sobrevirá. Isso em nada diminui o cumprimento imediato e local, nem diminui em nada o pleno sentido e força da profecia em seu primeiro cumprimento. No caso da destruição de Jerusalém em 70 d.C., a profecia se cumpriu literalmente, e incontáveis milhares de judeus foram mortos do modo mais cruel e bárbaro que dá para imaginar. Mas esse cumprimento não esgotou a profecia, pois o Livro de Apocalipse, que foi escrito depois desse evento, ainda aguarda uma matança terrível de judeus e gentios, que reduzirá a população deste planeta à quase metade.

Jesus declarou que “naqueles dias haverá *uma* aflição tal, qual nunca houve desde o princípio da criação, que Deus criou, até agora, nem jamais haverá”. (Marcos 13:19) Isso é, a Grande Tribulação será um tempo de aflição que não tem paralelo na história, e do qual, em matéria de terror e selvageria, outros eventos não chegarão nem perto, de modo que é evidente que a destruição de Jerusalém não esgotou essa profecia. Desde então, já houve vários eventos que ultrapassaram em terror a destruição de Jerusalém. Por isso, o cumprimento final da profecia de Jesus ainda vai vir.

Muitos pensadores liberais e modernistas se equivocam porque, por negligência, não levam em consideração essa Lei da Dupla Referência na interpretação da Bíblia. Pois muito mais que freqüentemente eles procuram um cumprimento imediato e local de certas profecias, e quando essas não se cumpriram literalmente no

tempo designado por esses indivíduos que se julgam especialistas na arte de interpretar, eles as explicam como falhas por parte de Deus. Pedro falou desses zombadores em sua época: “Sabendo primeiro isto, que nos últimos dias virão escarneceadores, andando segundo as suas próprias concupiscências, e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? Porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação”. (2 Pedro 3:3-4) Um número muito grande de pessoas quer fixar uma data final para Deus, e se Ele não cumpre Sua palavra bem na computação trivial determinada por eles, eles presumem que Ele falhou, ou então que Ele é incapaz de manter Sua palavra. Ou, eles poderão considerar algum cumprimento imediato e local — um que talvez seja apenas um cumprimento parcial — e achar que nada mais poderá vir da profecia. Mas na interpretação da Bíblia, seria melhor que nos lembrássemos de uma das leis básicas da Lei da Dupla Referência, que tem abertura para o cumprimento de uma profecia muito mais plena e mais tarde.

No começo deste capítulo, citamos o caso dos israelitas rejeitando a aplicação imediata e local de uma profecia, mas ainda mais comum é a aceitação da referência imediata e local e a negligência do cumprimento mais pleno e distante. Os escarneceadores mencionados acima manifestariam sabedoria muito maior se prestassem atenção ao aviso de Habacuque 2:2-3: “Então o SENHOR me respondeu, e disse: Escreve a visão e torna bem legível sobre tábuas, para que a possa ler quem passa correndo. Porque a visão é **ainda para o tempo determinado, mas se apressa para o fim**, e não enganará; se tardar, **espera-o**, porque certamente virá, não tardará”. (Habacuque 2:2-3) Essa profecia se aplica à vinda de Cristo em Seu segundo advento em Hebreus 10:37 em que esses versículos são citados em parte nesse contexto. É evidente, pois, que essa profecia tinha uma dupla referência.

Muitas profecias têm essa característica. Alguém assemelhou essas duplas referências, e o fato de que até mesmo os próprios profetas às vezes não percebiam seu duplo significado, à pessoa que observa montanhas. Essa pessoa vê só uma grande e elevada cadeia de montanhas sem discernir que há um vale amplo entre as montanhas da frente e as que ficam mais ao fundo. Até mesmo muitas das profecias da vinda de Cristo têm parte nessa natureza dupla. Uma das melhores ilustrações disso se vê na profecia de Isaías 61:1-3, que mistura elementos de ambos os Adventos de Cristo, transformando-os num só evento aos olhos do profeta. Contudo, quando Jesus pegou o rolo de Isaías e o leu na sinagoga de Nazaré, Ele separou com muita habilidade as duas partes dessa profecia mista. Ele parou de ler no meio da profecia com as palavras “Pregar o ano aceitável do Senhor”, então proclamou “**Hoje** se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos”, Lucas 4:18-21. Não se pode dizer que o restante dessa profecia se cumpriu naquele dia, nem que tenha ainda se cumprido, depois de quase dois mil anos. Mas com certeza se cumprirá no devido tempo.

Essa Lei da Dupla Referência, no que se refere a indivíduos, encontra numerosos exemplos nos livros proféticos. Principalmente em Daniel, vemos o Anticristo definitivo várias vezes retratado sob as figuras imediatas e locais do rei da Babilônia, do rei da Grécia, do rei da Síria, etc. Ninguém pode negar o cumprimento que ocorreu logo depois que a profecia foi dita. Mas também seria melhor não ignorar o fato de que essas mesmas profecias têm um segundo, ou até mesmo maior, cumprimento que ainda virá a se cumprir nos últimos dias na pessoa do Homem do Pecado.

Nós nos arriscamos a citar ainda outro exemplo de uma referência dupla no que é dito acerca de um indivíduo. Em Ezequiel 28, se faz referência ao “rei de Tiro” nos versículos 11-19, e essas palavras sem dúvida tiveram um cumprimento parcial em algum homem que ocupou essa posição e manteve esse título. Contudo, a linguagem vai além do que se poderia aplicar a algum homem, pois este é chamado de “o querubim ungido”, v. 14, “querubim protetor”, v. 16, títulos que jamais são dados a ninguém, exceto alguns do exército celestial. E é mencionado que ele esteve no Éden, o jardim de Deus, v. 13. Obviamente, deve haver uma dupla referência nesses versículos: uma a um mero homem, a outra ao próprio Satanás.

Tendo dito tudo isso, é necessário soar um aviso contra o desejo inato de sensacionalizar a Palavra de Deus tentando descobrir coisas secretas. Que nenhum estudante da Bíblia seja culpado de tentar **manufaturar algum cumprimento secundário** de um evento histórico. O único curso seguro é apegar-se somente a um cumprimento profético secundário onde textos posteriores declaram que existe tal cumprimento. Caso contrário, pode-se facilmente cair no engano de Orígenes de espiritualizar o que foi designado para ser aceito só literalmente.

## Capítulo 12

### A Lei do Dispensacionalismo

A palavra “dispensação” deriva-se de um termo latino que significa “administração” ou “gerência”, e se refere ao método divino de lidar com a humanidade e de administrar a verdade em diferentes períodos de tempo. Ninguém consegue ler as Escrituras sem ver que Deus tem lidado com o homem em algumas épocas diferentemente do que Ele lidou em outras. O motivo disso é que há várias dispensações no modo como Deus lida com a humanidade. Estamos agora vivendo no que é comumente chamado “a Dispensação da Graça”, embora não seja um termo bem escolhido. Pela confissão da maioria das pessoas que são sãs no plano da salvação, Deus sempre lidou em graça com o homem, começando no Jardim do Éden imediatamente depois que Adão e Eva caíram. “A Dispensação da Igreja” é uma terminologia mais adequada para a nossa era atual, pois é mediante as igrejas do Senhor que Deus está presentemente lidando com a humanidade.

Quanto ao número de dispensações em que se divide a história sacra, o número mais comumente sugerido é sete, com cinco dessas já passadas, uma na qual estamos agora vivendo, e mais uma que está ainda no futuro. J. R. Graves, em sua obra consideravelmente volumosa sobre esse assunto (que aproveitaria a todos os cristãos ler), faz as seguintes observações sobre essas sete dispensações.

“Ocorre-me que essas foram indicadas ou preditas pelas divisões do tempo. O tempo que ele designou para si para ajustar a habitação do homem ele dividiu em sete períodos, que ele chamou de sete dias. Cada um marcava uma fase, ou passo, na grandiosa realização, e o último marcava a consumação de tudo, e foi designado como um dia de comemoração através do descanso. Esses dias eram **sete**, que é a divisão divina do tempo. Observe como o número sete está presente em todas as Escrituras Sagradas [Aí, o Dr. Graves faz uma lista de quase cinquenta vezes em que o número sete aparece de modo significativo nas Escrituras]... Todos eles apontam para as Sete Dispensações, ou Eras, que Cristo designou para terminar sua obra, e o grandioso e eterno Sabatismo com que sua obra conclui. O que chamamos de tempo é aquele período designado por Cristo para a realização de sua obra, e é dividido em eras, anos, meses, semanas, dias, horas; e, quando a obra de Cristo se completar, o **tempo** não existirá mais, mas se perderá numa eternidade sem limite”. — *The Seven Dispensations* (As Sete Dispensações), pp. 165, 166.

A palavra “dispensação” só aparece cinco vezes nas Escrituras em português, a saber, 1 Coríntios 9:17; Efésios 1:10; 3:2; 3:9; Colossenses 1:25. Nesses lugares a palavra grega **oikonomia** parece ter de preferência o significado de “mordomia”, ou “a gerenciamento de uma casa”, como a mesma palavra grega significa em suas outras aparições em Lucas 16:2, 3, 4. No entanto, a palavra grega **aion**, que aparece no Novo Testamento um pouco mais de cem vezes, e é geralmente traduzida “mundo”, “eternamente” ou “sempre”, é aceita comumente com o sentido de “era”, “época” ou “dispensação”.

As seguintes Escrituras mostram que há só esta era atual e outra que virá, restando apenas essas duas eras antes do cumprimento de todas as coisas no grande programa de Deus. “E, se qualquer disser *alguma* palavra contra o Filho do homem, ser-lhe-á perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem **neste século** (grego **aion** = época) nem **no futuro** (literalmente, ‘nem no vindouro’)”. (Mateus 12:32) “Que não haja de receber muito mais **neste mundo** (grego **kairos** = tempo), e **na idade vindoura** (grego **aion** = época) a vida eterna”. (Lucas 18:30) “Acima de todo principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo nome que se nomeia, não só **neste século** (grego **aion** = época), mas também

**no vindouro** (de novo, literalmente ‘o vindouro’). (Efésios 1:21) Aí se vê uma era ou dispensação presente e uma que está para vir.

Mas como tudo isso entra na correta interpretação da Bíblia? Deve-se considerar esse assunto, pois algumas coisas das Escrituras estão ligadas somente à determinada dispensação, e se tentarmos interpretá-las em referência a outra, o resultado será muita confusão. Algumas coisas são aplicáveis a todas as eras, pois elas são princípios eternos de verdade e justiça. Assim, por exemplo, os princípios apresentados no Decálogo ou Dez Mandamentos, embora tivessem sido registrados pela primeira vez na dispensação mosaica, são de tal verdade moral obrigatória que estão em vigor em todas as eras da história do homem. Está implícito em Romanos 2:14-15 que essas leis sempre estiveram escritas no coração humano, até mesmo antes que tivessem sido escritas em pedra no monte Sinai. Ninguém pode anulá-las sob a alegação de que não pertencem à presente dispensação sem grande prejuízo sendo feito a toda moralidade, e sendo a ordem moral praticamente destruída. Ninguém viola a lei moral com impunidade, embora haja alguns ultradispensacionistas que afirmem que essas leis não estão mais em vigor para ninguém, a não ser para os judeus.

Sem entrar num estudo de todas essas dispensações, e descrevê-las nos mínimos detalhes, só gostaríamos de observar que três ou quatro delas nos interessam no presente assunto. Havia muitas coisas expostas sob a Dispensação Representativa, por exemplo, que eram para instruir e preparar a nação de Israel para reconhecer seu Messias quando Ele entrasse em cena. Conseqüentemente, essas coisas deixaram de existir, no que se refere à obrigação de praticá-las, quando o Filho do Homem veio e as cumpriu. As pessoas hoje não mais precisam praticá-las, e seu principal valor hoje está em que elas evidenciam que Deus havia predito e prenunciado a vinda de Seu Filho de modo que os homens estivessem sem desculpas por sua negligência de reconhecê-Lo e recebê-Lo.

A morte do Ministério Representativo foi revelada quando se rasgou o grande véu, que separava o Santo Lugar do Santíssimo Lugar no momento da morte de Jesus, Marcos 15:37-38. Sobre isso há uma referência em Hebreus 10:18-20: “Ora, onde *há* remissão destes, não *há* mais oblação pelo pecado. Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou, pelo véu, isto é, *pela* sua carne,”. (Hebreus 10:18-20) O véu tipificava o corpo de Jesus.

Essa e numerosas outras Escrituras nos proíbem de fazer uma prática de coisas representativas em nossa forma de adoração hoje, pois elas estavam limitadas ao período de tempo que terminou com a morte de Cristo. Contudo, multidões, e até mesmo denominações inteiras, ainda hoje incorporam algumas das coisas da dispensação representativa em sua adoração nesta dispensação da igreja, o que só acaba mostrando a grande importância de considerar as divisões e limitações dispensacionais em nossas interpretações das Escrituras.

De novo, alguns são culpados de tentar transferir para essa dispensação coisas que tinham uma aplicação puramente judaica. Há muitas coisas que foram ordenadas a Israel exclusivamente de um modo nacional, mas que são às vezes aplicadas aos crentes hoje, como se ainda estivessem em vigor. Para citar apenas uma ilustração. Muitas pessoas, julgando pelos costumes modernos, tentam aplicar Deuteronômio 22:5 para as mulheres de hoje. Esse versículo diz: “Não haverá traje de homem na mulher, e nem vestirá o homem roupa de mulher; porque, qualquer que faz isto, abominação *é* ao SENHOR teu Deus”. (Deuteronômio 22:5) Supõe-se erroneamente que Deus está aí ditando moda, e não só isso, mas Ele quer que essa moda seja adaptada à moderna moda americana. O uso dessa passagem é muitas vezes um **pretexto** para judiar diretamente das mulheres por vestirem conjunto de calças, e isso apesar do fato de que calças são muitas vezes mais decentes do que alguns estilos de vestidos, e daí, mais apropriadas. Mas o fato é que, em nenhuma parte das Escrituras Deus dita moda. Em vez disso, Ele manda que conformemos ao que é considerado culturalmente decente. Em algumas culturas o que é considerado roupa de mulher, pode ser

considerado roupa de homem em outra. Em alguns países tais como a Escócia e a Grécia, saias escocesas, ou roupas como saias escocesas, são roupas de homens, enquanto em outros países, roupas como do tipo calça são usadas mais por mulheres do que por homens. Mas o uso muitíssimo comum desse texto na pregação evidencia uma arrogância que tentaria adaptar todas as pessoas aos costumes ocidentais modernos.

Como dissemos antes, não há evidência de que ou aqui ou em outro lugar, Deus tenha alguma vez ditado moda. O mais provável é que esse texto tenha a ver com o costume homossexual de homens e mulheres transvestirem (usando roupas do sexo oposto), que é uma questão moral, e Deus muitas vezes lida com questões morais nas Escrituras. Isso seria uma exposição deliberada da rebelião de alguém contra a manifesta vontade de Deus com relação à masculinidade e feminilidade. No entanto, a questão não é a aparência exterior, mas a atitude interior do coração.

Os que repreendem as mulheres pelo modo como elas se vestem usam Deuteronômio 22:5. É evidente que eles estão sendo incoerentes e hipócritas quando consideramos que tais pregadores jamais usam qualquer outro versículo nesse capítulo em sua pregação. É extremamente duvidoso que se possa achar algum pregador que não seja culpado de violar Deuteronômio 22:11, que diz: “Não te vestirás de diversos estofos de lã e linho juntamente”. E em nossa época, há um número grande de moças que não são virgens quando se casam, mas que nunca souberam de um líder batista liderando o apedrejamento das tais. Mas veja o dever dos líderes de assumir a liderança nisso em Deuteronômio 22:13-21. E o capítulo é cheio de numerosas outras coisas que os pregadores modernos não obedecem, de modo que de novo dizemos, que é incoerente e hipócrita pegar o versículo 5 e usá-lo para açoitar membros de igrejas e, ao mesmo tempo, ignorar todos os outros versículos.

Essa questão não envolve só o capítulo 22, pois todas as divisões de capítulos e versículos foram feitas pelo homem, e há muitas outras coisas em Deuteronômio que devem ser aplicadas na prática diária se 22:5 é aplicável. Há na verdade algumas coisas em Deuteronômio que são apropriadas, pois nosso Senhor Jesus citou desse Livro mais vezes do que qualquer outro, e Ele próprio cumpriu o que foi predito em 18:15, 18-19. Mas muitas das leis desse Livro eram leis puramente nacionais, só para Israel, e não se deve aplicá-las de outro modo.

Tentar obrigar os santos do Novo Testamento a guardar as leis nacionais, dietéticas e cerimoniais do Velho Testamento envolve a incapacidade de reconhecer a Lei do Dispensacionalismo, e invariavelmente trará confusão e tenderá ao legalismo.

Muitos que afirmam ser dispensacionalistas são realmente ultradispensacionalistas, e em vez de manejarem “bem a palavra da verdade”, como eles afirmam fazer, eles são culpados de bagunçarem a Palavra, transformando-a numa salada. Ninguém tem desculpa para fazer isso. Apesar disso, é verdade que há considerações dispensacionais que devem entrar em nossa interpretação das Escrituras, e ninguém pode ser totalmente correto em suas opiniões se ele não levar isso em consideração.

## Capítulo 13

### A Lei da Numerologia das Escrituras

Muitos dos números usados nas Escrituras têm um significado e importância definidos, de modo que muitas vezes o próprio número indicará o assunto geral do contexto em que é usado. Essa é só mais uma das muitas provas infalíveis de que Deus não faz nada descuidadamente ou por mero acaso, mas que tudo é feito de modo que fique em harmonia com o grande e totalmente abrangente plano e programa de Deus.

Os números têm um grande significado, não só nas Escrituras, mas em todas as áreas da vida humana, havendo uma repetição coerente do mesmo número em várias áreas da natureza, cronologia, química, música e outras áreas. E. W. Bullinger mostra isso em seu livro **Number in Scripture** (Número nas Escrituras). Ele também observa o seguinte:

“Não podemos ter nem palavras nem obras sem ‘número’. A pergunta a que devemos responder é: O número é usado com um propósito intencional ou por acaso? Certamente, se Deus o usa deve ser com sabedoria infinita e com perfeição gloriosa. E assim é. Cada número tem seu próprio significado; e seu sentido se acha em harmonia e relação moral com o tema em conexão com o qual se mantém. Essa harmonia é sempre perfeita. Cada palavra do Livro de Deus está em seu lugar certo. Pode às vezes nos parecer um desarranjo. A fechadura pode estar num lugar, e a chave pode às vezes estar escondida em outro lugar, em alguma palavra ou sentença aparentemente sem propósito” — *The Word In Scripture* (A Palavra nas Escrituras), p. 21.

Se, pois, em nossa interpretação das Escrituras, sempre tivermos em mente o significado de cada número, isso nos ajudará a confirmar nossas interpretações. A numerologia das Escrituras não é tanto para ser usada para interpretar as Escrituras, quanto para confirmar as interpretações logo que tiverem sido feitas, utilizando-se as precedentes Leis de Interpretação. Dizemos isso como um aviso, pois temos lido de alguns indivíduos que se esforçaram para tornar a numerologia das Escrituras a única regra para interpretar as Escrituras. Eles até tentaram determinar quais versículos eram genuínos e quais eram adições ou alterações posteriores examinando o valor numérico que até mesmo as letras têm. Mas isso é um engano que levará a mais erros. Apesar disso, onde as Escrituras apresentam um número definido, geralmente tem um significado definido como as próprias palavras têm.

Como ilustração do significado dos números das Escrituras, citamos o uso do número quarenta. Quando aparece sozinho é quase sempre usado de tal modo que está de alguma maneira relacionado com um período de provação ou teste, depois do qual há julgamento ou aprovação. Assim, houve chuva na terra por quarenta dias e quarenta noites antes que a terra fosse finalmente destruída pelo dilúvio, Gênesis 7:4,12. E assim os filhos de Israel comeram maná por quarenta dias no deserto, Êxodo 16:35. O propósito expressamente declarado disso é provar se eles andariam de acordo com as leis de Deus ou não, Êxodo 16:4. E assim Moisés esteve no monte com o Senhor por quarenta dias e quarenta noites para testar os israelitas, se eles obedeceriam a Deus conforme eles haviam dito que fariam, Êxodo 34:28 comparado com Êxodo 19:5-8. Assim Jesus foi testado por quarenta dias e quarenta noites no deserto antes de Ele entrar em Seu ministério, Mateus 4:2; Marcos 1:13; Lucas 4:2. E assim Jesus foi visto pelos discípulos quarenta dias após a ressurreição antes de Ele ser elevado ao céu, Atos 1:3. Essa característica sobre esse número é tão comum nas Escrituras que há pouca necessidade de um argumento para demonstrar esse fato.

Esse fato se mantém válido para muitos outros números, embora aparentemente não para todos os números que aparecem na Palavra de Deus. Ao menos alguns números não têm tal aparente significado como outros têm. Os seguintes são alguns dos números mais comuns, e seu significado habitual.



O **número um** é a unidade principal usado na composição de todos os outros. É o número da unidade, e conseqüentemente é associado à Divindade, pois Deus é uma unidade ao mesmo tempo em que Ele é uma Trindade. Assim, as Escrituras declaram: “Ora, o mediano não o é de um só, **mas Deus é um**”. (Gálatas 3:20) “Porque **há um só Deus**, e um *só* Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem,”. (1 Timóteo 2:5)

Muitas vezes esse número é usado onde se declara o pensamento da unidade como em Mateus 19:5-6: “E disse: Portanto, deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, e **serão dois numa só carne**? Assim **não são mais dois, mas uma só carne**...”. “E no dia seguinte, pelejando eles, [Moisés] foi por eles visto, e quis levá-los à paz, [à união, no grego]”. (Atos 7:26) “Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e **haverá um rebanho e um Pastor**”. (João 10:16) “Eu e o Pai **somos um**”. (João 10:30) “Para que **todos sejam um**, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; **que também eles sejam um** em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste”. (João 17:21) “Mas o que se ajunta com o Senhor é **um mesmo espírito**”. (1 Coríntios 6:17) E muitas outras referências há que mostram o significado do número **um**. Esse número é tal que não se pode dividi-lo sem fragmentá-lo, de modo que deve significar unidade de algum tipo.

O **número dois** tem vários significados relacionados, e esses foram tão bem explicados por A. W. Pink que nada podemos fazer melhor do que citar suas palavras.

“O número dois, em seus significados escriturísticos, trata da **diferença** ou **divisão**. Prova disso se acha na primeira vez em que ocorre na Bíblia: o **segundo** dia de Gênesis 1 foi quando Deus **dividiu** as águas. Daí, dois é o número do **testemunho**, pois se o testemunho de dois **diferentes** homens concordam, a verdade é comprovada. Dois pois é o número de **oposição**. Um é o número de unidade, mas dois faz entrar outro, que ou está de acordo com o primeiro ou se opõe a ele. Daí, dois é também o número do **contraste**, conseqüentemente, toda vez que achamos dois homens juntos nas Escrituras é, com rara exceção, para o propósito de salientar a **diferença** que há entre eles”. — *Gleanings In Exodus* (Ceifando em Êxodo), p. 8.

Algumas das muitas Escrituras que comprovam essas coisas são as seguintes: “Ninguém pode servir a **dois senhores**; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro”. (Mateus 6:24) “Mas, se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que **pela boca de duas ou três testemunhas** toda a palavra seja confirmada... Também vos digo que, **se dois de vós concordarem** na terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por meu Pai, que *está* nos céus”. (Mateus 18:16, 19) “E na vossa lei está também escrito que **o testemunho de dois homens é verdadeiro**”. (João 8:17) “E, orando, disseram; Tu, Senhor, conhecedor do coração de todos, **mostra qual destes dois tens escolhido**,”. (Atos 1:24) “O que se entende por alegoria; **porque estas são as duas alianças**: uma, do monte Sinai, gerando filhos para a servidão, que é Agar”. (Gálatas 4:24)

O **número três** é o número da manifestação, pois Deus se manifesta nas três Pessoas da Trindade. Pelo fato de que esse número tem esse significado, é também o número da ressurreição, e aparece nessa ligação mais do que em qualquer outra. A própria primeira vez em que esse número aparece no Novo Testamento lida com isso. “Pois, como Jonas esteve **três dias e três noites** no ventre da baleia, assim estará o Filho do homem **três dias e três noites** no seio da terra”. (Mateus 12:40) Que esse número é tanto o número da Deidade quanto da ressurreição é revelado onde essas duas coisas são reunidas em Romanos 1:4: “**Declarado Filho de Deus** em poder, segundo o Espírito de santificação, **pela ressurreição** dos mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor”. Enquanto está ligado várias vezes ao número dois, como em Mateus 18:16, é revelado que onde há duas testemunhas testificando a verdade de um assunto, o três é um passo a mais — é uma manifestação maior da verdade.

O **número quatro** está intimamente ligado à terra, pois lemos acerca dos “**quatro ventos**”, Marcos 13:27; Apocalipse 7:1, “**os quatro cantos da terra**”, Apocalipse 7:1; 20:8; “**os quatro confins da terra**” Isaias 11:12.

Não só isso, mas até mesmo em nossas conversas comuns, muitas vezes falamos das **quatro estações**, as **quatro direções**, os **quatro elementos** (quer dizer, terra, ar, fogo e água) que no passado se cria constituíam toda a matéria. E muitos outros tais empregos do número quatro que o associam com a terra. Assim, quatro é associado com **universalidade e abrangência**. Deus fala dos **quatro juízos** sobre Israel em Ezequiel 14:21, que eram abrangentes e universais sobre todo o Israel.

O **número cinco** é o número associado com a graça, e muitas vezes tem esse significado nas Escrituras. Assim, o número cinco é bem proeminente no Tabernáculo e seu sistema sacrificial, pois esse número descrevia Cristo em Sua Pessoa e obra. Só para citar uma ilustração disso, vemos que o altar de bronze media cinco cúbitos por cinco cúbitos, Êxodo 27:1-2, que significaria que só pela graça o homem pode se aproximar de Deus. Isso é exatamente o que foi operado na cruz, e quase todos os tipologistas admitem que o altar de bronze tipificava a obra de Cristo na cruz. Deus disse desse altar de bronze que “ali virei aos filhos de Israel”, Êxodo 29:43, que mostra que só Cristo é o caminho de aproximação para o Pai, harmonizando com Efésios 2:5, 8: “Pela graça sois salvos”.

O **número seis** é o número do homem nas Escrituras, pois o homem foi criado no sexto dia da semana da criação, Gênesis 1:26-31. E de cada sete dias, seis dias foram dados ao homem, mas o sétimo é reservado para o Senhor, Êxodo 20:9-11. Mas esse número não é associado com o homem somente nas Escrituras, pois até mesmo homens mundanos inconscientemente associam o número com o homem.

“Seis é o número do homem. Foi no sexto dia que o homem foi criado (Gênesis 1:26, 31). Seis dias são a duração do trabalho semanal do homem (Êxodo 20:9). É impressionante como esse algarismo é proeminente na medida que o homem usa em conexão com seu trabalho: cada um dos seguintes é um múltiplo de seis. Há doze polegadas para o pé: dezoito para o cúbito: trinta e seis para a jarda. Assim é também com a divisão do tempo do homem. O dia tem vinte e quatro horas, cada uma dessas é composta de sessenta minutos, e esses de sessenta segundos. É extraordinário que há só **seis** palavras na Bíblia para designar o ‘homem’ — quatro no hebraico e duas no grego. Numa perfeita combinação, Aquele que tomou o lugar do homem pecador foi crucificado na sexta hora (João 19:14)!” — A. W. Pink, *Gleanings In Exodus* (Ceifando em Êxodo), p. 222.

Não só isso, mas quando o Anticristo entrar em cena, ele terá “o número de um homem”, Apocalipse 13:18, mas seu número é 666 — o número do homem levantado ao terceiro poder, pois ele será um **homem deificado**. E há um quadro interessante do homem natural que dá para se ver nas seis talhas em João 2:1-11, pois elas estavam frias e vazias até que o poder do Mestre entrou no quadro. Quando, por Sua ordem, elas foram cheias de água (que simboliza a Palavra de Deus, Efésios 5:26), a água foi miraculosamente transformada em vinho, e portanto transformada em bênção, Salmo 104:15. E há outros simbolismos aqui também.

O **número sete** é o número da perfeição divina, pois no sétimo dia Deus descansou de todas as Suas obras, Gênesis 2:2. No Novo Testamento, esse número aparece mais vezes no Livro de Apocalipse do que em todo o restante do Novo Testamento junto. E isso é como deve ser, pois Apocalipse é o Livro final da Bíblia, e revela as obras finais de Deus com a humanidade. Aí lemos de sete igrejas, sete espíritos de Deus, sete candelabros de ouro, sete estrelas, sete selos, sete chifres, sete olhos, sete anjos, sete trombetas, sete trovões, sete cabeças, sete últimas pragas, sete frascos de ouro, sete montanhas, sete reis e sete novas coisas. Onde quer que esse número apareça, o provável é que ele tenha um significado mais espiritual do que quase qualquer outro número em toda a numerologia das Escrituras.

O **número oito** tem o significado de novos começos, pois vem depois do sete, o número da perfeição. Foi no dia depois do sábado — no oitavo dia, em outras palavras — que Jesus ressuscitou dos mortos, Marcos 16:1-8, como foi tipificado em Levítico 23:10-11. E desde o tempo da ressurreição de Jesus em diante, Ele sempre se encontrou com Seus discípulos no oitavo dia. Isso significava que o sábado judaico tinha cessado de ser o dia de adoração, e que um novo começo havia amanhecido, onde o oitavo dia — o domingo — seria daquele tempo em diante o dia da adoração em comemoração à ressurreição de Jesus.

De novo, foi Noé, a oitava pessoa, como ele é chamado em 2 Pedro 2:5, que repopulou a terra depois do dilúvio, e assim, foi um novo começo da raça humana. Em Apocalipse 17:11 uma das bestas é vista como uma vez um oitavo, mas um dos sete, que mostra que ela é apenas a forma revivida de um dos reinos anteriores.

Finalmente, a própria eternidade, alias, será um oitavo depois de sete eras, ou dispensações, em que Deus lidou com a humanidade, mas esse “novo começo” será uma era sem fim — a “era das eras” como o texto grego a chama em vários lugares. Veja Efésios 3:21; Filipenses 4:20; 1 Timóteo 1:17; Apocalipse 20:10, e outros.

O **número nove** não é tão proeminente em linguagem simbólica como alguns dos números precedentes, e conseqüentemente, não é tão fácil determinar seu sentido. É mais comumente usado como ordinal, ou de alguma outra maneira com outros números. E. W. Bullinger diz sobre esse número:

“O número *nove* é um número muitíssimo extraordinário em muitos aspectos. É mantido em grande reverência por todos os que estudam as ciências ocultas; e na ciência matemática possui propriedades e poderes que não se encontram em nenhum outro número. É o *último* dos dígitos, e assim marca o *fim*; e tem o sentido da *conclusão* de um assunto. Está relacionado ao número *seis*, seis sendo a soma de seus fatores ( $3 \times 3 = 9$ , e  $3 + 3 = 6$ ), e assim tem o sentido do *fim do homem*, e a conclusão de todas as obras do homem. *Nove* é, pois, O NÚMERO DA FINALIZAÇÃO OU JUÍZO”. — *Number in Scripture* (Número nas Escrituras), p. 235.

O **número dez**, por outro lado, tem o sentido claro de responsabilidade humana. Assim, temos os Dez Mandamentos, que claramente apresentam o dever humano para com Deus e para com o homem. Abraão suplicou com Deus em favor de Sodoma até que ele recebeu a promessa de Deus de que até por causa de dez pessoas justas Ele não destruiria a cidade. Pois Abraão sentiu que Ló teria sido responsável o suficiente para que ao menos dez pessoas justas pudessem ser achadas em sua família apenas, se não houvesse nenhuma outra na cidade, Gênesis 18:32. Comparando com Gênesis 19, é evidente que Ló e sua esposa tinham duas filhas virgens, v. 8, além de pelo menos duas filhas casadas e seus maridos (4 pessoas), v.14, além de pelo menos dois filhos, v.12, de modo que isso totalizou pelo menos dez pessoas. Mas, que tristeza, a maioria deles não eram justos como Abraão havia esperado, e como era sua casa, Gênesis 18:19. E o testemunho de Ló foi tão indeciso que não poderíamos saber que ele foi verdadeiramente salvo, a não ser pelo testemunho de 2 Pedro 2:7-8.

E havia dez leprosos purificados, mas só um retornou para dar graças a Deus, Lucas 17:12-18. Havia dez virgens testadas pela vinda de Cristo, Mateus 25:1. Dez servos foram testados pelo seu mestre quanto à sua fidelidade, Lucas 19:11-27. Havia dez pragas sobre o Egito para testar a nação quanto à sua responsabilidade de obedecer ao mandamento de Deus para liberar Israel.

O **número onze** é outro número que não tem um significado tão claro como os outros, mas pode ser que seu sentido simbólico esteja nos números cuja soma some até onze, como sugerem alguns. Em Êxodo 26:9, as cortinas do Tabernáculo, sendo onze em número, são juntadas cinco e seis à peça, que parece comprovar

isso. Evidentemente, há um sentido espiritual nesse número, pois é usado em vários contextos em referência à construção do Tabernáculo, e também em algumas das ofertas.

Finalmente, **doze** é o número que é associado ao Governo Divino, havendo doze tribos de Israel, sobre as quais doze apóstolos deverão governar em doze tronos numa época futura. Esse número é bem proeminente em Apocalipse, havendo doze mil selados de cada uma das doze tribos de Israel, e havendo uma coroa de doze estrelas na cabeça da mulher, Apocalipse 12:1. E a Nova Jerusalém tem doze portões com doze anjos, doze fundamentos e doze mil estádios de comprimento. Então a árvore da vida dá doze tipos de frutos durante os doze meses de cada ano.

Há outros números que têm valor simbólico na interpretação das Escrituras, mas o sentido de todos os outros será determinado principalmente pelos sentidos combinados dos números dos que são compostos. Essas coisas, se estudadas em conexão com as outras Leis de Interpretação da Bíblia, têm considerável valor interpretativo, e não se pode ignorá-las sem diminuir a eficiência da nossa interpretação.

## Capítulo 14

### A Lei da Praticabilidade

Com isso nossa intenção é considerar: Quais são os efeitos práticos de nossa interpretação? Pois se nosso método de interpretação é só especulativo, e não resulta numa vida cristã prática, é evidente que algo está errado em nosso sistema de interpretação. Um dos grandes erros do sistema farisaico de interpretação da Bíblia era que não tinha bons efeitos práticos. A acusação de Jesus contra os escribas e fariseus era que: “Na cadeira de Moisés estão assentados os escribas e fariseus. Todas as coisas, pois, que vos disserem que observeis, observai-as e fazei-as; mas não procedais em conformidade com as suas obras, **porque dizem e não fazem**; Pois atam fardos pesados e difíceis de suportar, e os põem aos ombros dos homens; eles, porém, nem com o dedo querem movê-los”. (Mateus 23:2-4) Em outras palavras, esses hipócritas religiosos não tinham um sistema prático de interpretação, ou eles não o aplicavam a si pessoalmente, pois suas convicções não influenciavam sua conduta. Deve haver correspondência entre convicção e conduta, para que nossa confissão cristã não seja apenas hipocrisia oca.

Depois que chegamos a uma interpretação aparentemente certa de uma passagem das Escrituras, seria bom que sempre parássemos por um momento antes de a endossar, e considerássemos quais os efeitos práticos dessa interpretação que estarão nas nossas próprias vidas e nas vidas de nossos filhos e nossos netos. Principalmente nossos filhos e netos, pois podemos adotar uma interpretação errônea de uma Escritura, mas não sermos muito desencaminhados em prática porque mantemos verdades que contrabalançam o erro, de modo que somos impedidos de um grande afastamento da verdade. Mas nossos filhos ou outros sob nossa influência podem não ter essas verdades que serviriam como um antídoto para o nosso erro, e eles podem rapidamente ir para as profundezas do erro sob a orientação dessa interpretação errônea. Muitas vezes leva duas ou três gerações para manifestar plenamente a tendência de algumas interpretações errôneas. É por isso que seitas, que podem ter sido iniciadas por homens genuinamente devotos, mas homens com um sistema errôneo de interpretação, podem não se desencaminhar tão longe em doutrina como eles se desencaminham quando o homem ou homens da primeira geração da seita desaparecem do cenário. Seus sucessores, sem os controles de doutrinas certas que os fundadores podem ter tido, rapidamente se degeneram, tornando-se uma heresia completamente madura sem nenhuma característica que compense.

A Lei da Praticabilidade perguntará acerca de determinada interpretação: “A quem esse ponto de vista glorificará — Deus ou o homem?” O principal propósito da existência do homem na terra é o louvor e a glória de Deus, e se o método dele de interpretação não o leva a fazer isso, algo está errado com seu método. Um propósito secundário da existência do homem na terra como cristão é que ele possa levar outros a conhecer a salvação do Senhor Jesus Cristo, e então edificá-los nessa fé santíssima, de modo que eles O sirvam com obediência. Assim, outra pergunta a se fazer é: “Essa interpretação edifica os outros na fé, ou os seduz a se afastar da fé?” Paulo se sentiu movido a avisar solenemente que no final desta época haveria pessoas que enganariam outros mediante doutrinas falsas e perniciosas. “Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a **espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios**”; (1 Timóteo 4:1) “Porque virá tempo em que **não suportarão a sã doutrina**; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade, **voltando às fábulas**”. (2 Timóteo 4:3-4)

É interessante notar que essa **edificação**, como as Escrituras a designam, existe sempre no contexto da igreja local. Usando uma concordância, veremos que esse é sempre o caso. Daí, devemos sempre ser cautelosos com qualquer grupo particular de “estudo da Bíblia” que não seja patrocinado por ou esteja sob a autoridade da igreja. Muitas vezes Satanás usa pessoas sinceras, mas mal informadas, para semear discórdia e divisão nas igrejas insinuando secretamente erro mediante suas interpretações incorretas. Deus nunca é o autor de tal

confusão e desordem, I Coríntios 14:33, 40. A vontade de Deus é que Ele seja glorificado através de Suas igrejas, Efésios 3:21, não em alguma obra paralela ou até mesmo contra a congregação.

A Lei da Praticabilidade também considerará se determinada interpretação eleva o orgulho carnal do homem, ou se o humilha, e o torna mais confiante no Senhor. “Abominação é ao SENHOR todo altivo de coração...”. (Provérbios 16:5) Portanto, um sistema de interpretação que conduz ao orgulho carnal, embora possa fazer o homem sentir-se bem acerca de si mesmo, é um sistema claramente contrário à vontade do Senhor. Esse sempre será o alvo de todo Humanismo e Arminianismo, o que dá evidência de que nenhum dos dois é de Deus. O homem não tem direito algum de tentar se elevar de modo que ele possa se gloriar em si mesmo. Só Deus tem o direito de elevar o homem, e Ele sempre faz isso primeiro humilhando o homem. “... e precedendo a honra *vai* a humildade”. (Provérbios 15:33) “Humilhai-vos, pois, debaixo da potente mão de Deus, para que a seu tempo vos exalte;”. (1 Pedro 5:6) Estamos presentemente no tempo da humildade. O povo do Senhor não experimentará glória até a volta do Senhor.

De novo, deve-se considerar se a tendência de determinada interpretação tem como alvo o ganho pessoal, pois algumas pessoas sempre interpretam as Escrituras com um interesse no modo como elas lucrarão pessoalmente com isso. A mente delas está mais nas cifras monetárias do que na Cruz. Paulo falou de alguns homens que são “homens corruptos de entendimento, e privados da verdade, **cuidando que a piedade seja causa de ganho**; Aparta-te dos tais”. (1 Timóteo 6:5) Seria muito melhor para o cristão no dia da recompensa se ele sempre estivesse disposto a sofrer perda pessoal a fim de se assegurar de que ele está fazendo a vontade de Deus, em vez de ele se dar ao benefício da dúvida e interpretar as Escrituras só de um jeito que lhe dê proveito pessoal. Fazendo-se a vontade de Deus, Deus sempre garantirá que nenhuma pessoa venha realmente a perder “negando-se a si mesma”, pois esse é o requisito do discipulado, Mateus 16:24. Mas aqueles que sempre interpretam as Escrituras com o objetivo de obter lucro pessoal descobrirão suas perdas diante do tribunal de Cristo quando forem manifestos sua mundanidade e egocentrismo.

O Cristianismo é uma religião prática, e a Revelação de Deus ao homem é uma Revelação prática. Não há nada especulativo ou teórico sobre isso. “Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens, Ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos *neste* presente século sóbria, e justa, e piamente, Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Salvador Jesus Cristo”. (Tito 2:11-13) Se nossa interpretação de qualquer passagem determinada não se alinhar com esse requisito, então nossa interpretação não está evidentemente edificada sobre a graça de Deus.

A própria comissão que foi entregue à Igreja do Novo Testamento envolve a responsabilidade de garantir que nossas interpretações sejam práticas, pois a quarta parte dessa comissão é “ensinando-os **a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado**”. (Mateus 28:20) Daí, a palavra traduzida “observar” (grego **tereo**) é mais comumente traduzida “guardar”, e assim lida com o aspecto prático da doutrina da Bíblia — colocar em prática o que aprendemos com as Escrituras. No entanto, é óbvio que bem poucos cristãos, falando em termos comparativos, estão colocando em prática as coisas que eles professam.

Sem dúvida, poder-se-ia eliminar muitas interpretações falsas, errôneas e nocivas logo no começo, se todo estudante da Bíblia, no exato momento em que se senta diante de sua Bíblia aberta, considerasse quais seriam os efeitos práticos de sua interpretação antes que ele as proclame ao mundo. Uma das grandes tragédias do Cristianismo é que um número grande demais de pessoas que professam ser cristãs é cristão somente em teoria e profissão, e não em prática. É de pouco estranhar que tão poucas pessoas tenham algum respeito pelo Cristianismo hoje. A hipocrisia — divorciar a prática da profissão — sempre faz com que o Cristianismo seja desrespeitado.

## Capítulo 15

### A Lei da Revelação Progressiva

Com isso queremos dizer que a Bíblia foi escrita durante um longo período de tempo, e só no final do primeiro século da era cristã o cânon das Escrituras estava completo e concluído. E foi muitas vezes o caso que declarações inspiradas posteriores suplementaram e interpretaram as primeiras declarações. As palavras de B. H. Carroll são relevantes aqui:

“O processo de desenvolvimento da Bíblia ocorreu em dois aspectos: (1) Parte desse processo é que durante pelo menos 1.600 anos foram acrescentando documentos após documentos. Daí, os simples ou principais tipos de palavras aparecerão nos documentos mais antigos; os tipos de palavras mais expandidos e secretos poderão vir à tona só mais tarde. (2) Outra parte desse processo é que houve acréscimo de fato para fato, e verdade para verdade, mediante o qual doutrinas que no começo só tinham um broto no fim se expandiram até amadurecerem em flor. Em seu início a Bíblia escolhe e aponta para a raiz completamente suficiente da qual todas as doutrinas brotam. A raiz é Deus. Nele são inerentes todas as virtudes que podem criar e sustentar um mundo. Portanto, conhecendo a ele, a criatura inteligente conhecerá as doutrinas que podem instruí-la e edificá-la. Daí a forma elementar de uma doutrina se achará nas partes mais antigas das Escrituras; a forma mais desenvolvida nos livros posteriores. Isso cria duas regras similares de interpretação. O sentido de uma palavra ou frase num livro posterior das Escrituras não deverá ser transferido para um livro mais antigo, a menos que o contexto exija. A forma de uma doutrina numa parte subsequente da Bíblia não deve ser aceita como plenamente desenvolvida numa parte precedente sem a sanção do uso e do contexto”. — *An Interpretation of the English Bible* (Uma Interpretação da Bíblia em Inglês), Vol. I, p. 31.

Como exemplo dessa lei citamos as declarações dos profetas do Antigo Testamento, as quais hoje são muitas vezes consideradas como declarações que tinham aplicação somente para aquelas pessoas a quem foram imediatamente entregues, e cujos sujeitos eram apenas pessoas e eventos históricos então em existência. Mas as Escrituras do Novo Testamento falam de modo diferente quando mostram que essas declarações eram muitas vezes previsões de coisas futuras. “Sim, e todos os profetas, desde Samuel, todos quantos depois falaram, **também predisseram estes dias**”. (Atos 3:24) De novo, durante muitas centenas de anos poucos homens viram nos Salmos qualquer coisa mais importante do que os relatos de Davi acerca de suas próprias experiências difíceis e aflições, e sua conduta sob essas circunstâncias. Mas o Novo Testamento revela o sentido profético dos Salmos. “Sendo, pois, ele profeta, e sabendo que Deus lhe havia prometido com juramento que do fruto de seus lombos, segundo a carne, levantaria o Cristo, para o assentar sobre o teu reino, Nesta previsão, disse da ressurreição de Cristo, que a sua alma não foi deixada no inferno, nem a sua carne viu a corrupção”. (Atos 2:30-31)

O Livro de Hebreus é um excelente exemplo disso também, pois Hebreus é, de fato, um comentário sobre o sistema sacrificial inteiro do Velho Testamento, e não se pode com justiça entender muito do Pentateuco sem uma relação a esse sistema. No Pentateuco, o **tipo** foi apresentado, enquanto em Hebreus o tipo foi explicado, e o **antítipo** foi apresentado. Mas não só o livro de Hebreus, mas também todo o Novo Testamento sustenta esse caráter de uma interpretação do Velho Testamento, e acerca do relacionamento dessas duas divisões da Bíblia Sidney Collett observou com justiça que —

“O Novo no Velho está contido,

Enquanto o Velho pelo Novo é esclarecido.

Ou—

O Novo no Velho é ocultado,

Enquanto o Velho pelo Novo é revelado.

Ou de novo—

O Novo é **encoberto** no Velho,

Enquanto o Velho é **descoberto** pelo Novo”.

— *All About The Bible* (Tudo sobre a Bíblia), p. 169.

Mas isso não significa que mais revelações ainda serão dadas, pois é claro para todos os que querem ver, que as Escrituras tem sido agora completadas e trancadas por uns vinte séculos, e ninguém está autorizado a procurar revelações adicionais. É verdade que tem havido novos livros produzidos que afirmavam ser revelações adicionais de Deus, mas sem exceção, todos esses livros mostram sobre a própria face a evidência de que são apenas produções humanas, ou ao menos, que o espírito que inspirou não é de Deus. A qualquer momento em que os homens não estiverem contentes de adorar e servir a Deus de acordo com o que Ele revelou nas Escrituras, Satanás lhes dará uma “bíblia” para satisfazer seus gostos depravados em adoração falsa. Às vezes ele faz isso somente mediante uma falsa interpretação. E então às vezes ele faz isso chegando realmente a trazer à existência um livro tal como Ciência e Saúde, Com Chave para as Escrituras, o Livro de Mórmon e outras tais “bíblías falsas”. É triste, mas verdade, que quando os homens amam seu pecado e sua própria vontade a ponto de se recusarem a crer na verdade para serem salvos, então Deus os entrega para si mesmos, e para espíritos enganadores para que eles sejam enganados por mentiras, Romanos 1:21-28; 2 Tessalonicenses 2:10-12. Essa última passagem, embora tenha aplicação principal aos que serão enganados pelo Anticristo — o maior de todos os mentirosos — já se cumpriu porém de modo geral milhões de vezes no passado pelos falsos profetas e falsos pregadores e mestres. Mas Apocalipse 22:18-19 dá um aviso bem solene acerca da alteração da Palavra de Deus: “Porque eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro *que*, se alguém lhes acrescentar alguma *coisa*, Deus fará vir sobre ele as pragas *que estão* escritas neste livro; E, se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte do livro da vida, e da cidade santa, e das coisas que estão escritas neste livro”. (Apocalipse 22:18-19)

Alguns homens poderiam debater se isso tem aplicabilidade para qualquer parte da Bíblia que não seja o livro de Apocalipse. Mas antes que comece a argumentar sobre esse assunto, seria melhor ele lembrar de que na base desses próprios versículos, pode estar apostando seu próprio destino eterno ao fazer isso. O Livro de Apocalipse é um resumo e fim bem adequado, não só do Novo Testamento, mas também da Bíblia toda, e não há certamente nada faltando em toda a Bíblia acerca das necessidades espirituais do homem, nem acerca de como as necessidades do homem podem ser supridas. As únicas coisas que o homem poderia de agora em diante desejar que sejam reveladas a ele são coisas que não contribuem em nada realmente importante ou necessário para seu bem-estar ou ser espiritual. Só daria para se desejar revelações adicionais mediante curiosidade sobre coisas escondidas que Deus não achou por bem revelar ao homem.